

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IVANILDO LUIZ MONTEIRO RODRIGUES DOS SANTOS

A CULTURA DO EDUCADOR NOS PRIMEIROS ESCRITOS DE FRIEDRICH
NIETZSCHE

CURITIBA
2011

IVANILDO LUIZ MONTEIRO RODRIGUES DOS SANTOS

A CULTURA DO EDUCADOR NOS PRIMEIROS ESCRITOS DE FRIEDRICH
NIETZSCHE

Monografia apresentada para conclusão de curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação da Universidade Federal do Paraná como requisito de obtenção de título de especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karen Franklin da Silva

CURITIBA
2011

TERMO DE APROVAÇÃO

A CULTURA DO EDUCADOR NOS PRIMEIROS ESCRITOS DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Por

IVANILDO LUIZ MONTEIRO RODRIGUES DOS SANTOS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Gelson João Tesser
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn
Departamento de Teoria E Prática De Ensino, UFPR

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karen Franklin da Silva
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

Curitiba, 09 de novembro de 2011

RESUMO

Por meio de uma análise crítica à cultura de seu tempo, Friedrich Nietzsche (1866-1900) se propõe em seus primeiros escritos encontrar a resposta a sua indagação, a saber: como formar o homem intelectual e moralmente, de modo que este homem represente a excelência (virtude) de um processo formativo? Por meio de Nietzsche, que tem por ideal de cultura, uma concepção divergente e inovadora diante do ideário cultural de seu tempo (séc. XIX) – tomando sempre aquilo que seus contemporâneos chamam de cultura, com o entendimento de pseudocultura, ou “barbárie” – buscar-se expor aqui, um alicerce teórico de análise para servir de base à crítica da cultura educacional no século hodierno. No léxico da crítica nietzscheana, surge como ideal de educação o conceito de **gênio** – o ideal de homem formado – representando o ápice do aperfeiçoamento intelectual do homem a ser formado; aquele homem que em seu querer moral supera o limite da moralidade vigente que compõe a cultura de cada época. Cultura, que para Nietzsche, poderia ser toda a ela resumida sob a égide do egoísmo, principal patrocinador e agente na formação do homem naquela sociedade alemã do séc. XIX. Sob estas condições, o gênio e santo são novos patamares representando um ideal de homem a ser cultivado por um processo de formação. A apresentação que aqui se destina expor é a concepção nietzscheana de genialidade, oriunda de um conhecimento trágico natural presente na obra da **Consideração Intempestiva III: Schopenhauer educador**. Procurar-se-á por meio da metodologia genealógica (propriamente nietzscheana) conceber quais aspectos da cultura recente do século XXI estão presentes no sistema educacional e são passivos de críticas e de por isso podem ser mudados ou subtraídos do padrão cultural, se entendido como desnecessários. Objetiva-se com isso, entender e aplicar à realidade de hoje as concepções que possam formar homens educados, de modo que estes possam cultivar outras gerações mais de educadores.

Palavras-chave: Cultura, Tragédia, Gênio, Educador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. A FILOSOFIA SCHOPENHAURIANA NO TEXTO: TERCEIRA INTEMPESTIVA DE FRIEDRICH NIETZSCHE	7
1.1. Contexto histórico na Alemanha de Schopenhauer.....	8
1.2. A filosofia de Schopenhauer como base da tese nietzscheana sobre cultura...11	
2. CONCEPÇÕES DE CULTURA NA OBRA: TERCEIRA CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA	16
2.1 A Cultura Vigente.....	17
2.2 A Cultura do Estado.....	20
2.3 A Cultura do Comércio.....	23
2.4 A Cultura da Ciência.....	25
3. A CULTURA TRÁGICA: COMO FINALIDADE FORMATIVA	28
3.1 O Apolíneo e o Dionisíaco.....	30
3.2 A tragédia: o papel da representação na formação do homem.....	33
3.3 O Retrato da vida: O espetáculo.....	35
4. A CULTURA DO GÊNIO EDUCADOR	39
4.1 Uma Unicidade Produtiva.....	40
4.1.1 Um destino de solidão.....	42
4.1.2 Sentido de verdade.....	47
4.1.3 Vigor Intelectual e Moral.....	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6. REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

A proposta nietzschiana do ideal de formação do homem, tendo como principal objeto de análise a obra: **Terceira Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador** do Jovem Nietzsche serviu de fomento ao presente trabalho que aqui se expõem. Analisando a sociedade alemã de seu tempo, Nietzsche (1844-1900) critica veementemente o modelo de educacional, qual se lhe apresenta e concebe a cultura de sua época como: negação da verdadeira cultura; impedindo os homens de serem cultos e formando-os meramente para uma função utilitária (empregados) no Estado, na Ciência e no Comércio.

Diante desta constatação, perguntar-se-á: qual cultura, ou seja, que processo formativo educa, em prol de um ideal verdadeiramente humano? Perante tal indagação, faz-se necessário pontuar que este processo investigativo demonstra seu motivo em ser, pelo fato da manifesta prática escolar (em pleno século atual) focar-se na formação para o trabalho em detrimento a formação cultural integral do educando. Ou seja, verifica-se hoje, as principais mazelas pedagógicas do tempo de Nietzsche. Se for correto refletir e propor que a finalidade da educação deveria ser: o de formar o homem tendo em vista a plenitude de sua humanidade, ao contrário do que acontece atualmente; então poder-se-á asseverar, com auxílio nietzscheano, que a cultura hodierna apresenta-se demasiado próxima daquilo que em seu tempo Nietzsche descreveu como: barbárie. Isto é, o oposto da cultura; cabendo então uma nova proposição que pretenda edificar o aperfeiçoamento da humanidade.

As motivações nietzscheanas em sua crítica à cultura admitem ou devem filiação ao pensamento schopenhauriano. Para tanto, o capítulo primeiro intitulado: **A filosofia schopenhaueriana no texto da Terceira Intempestiva de Friedrich Nietzsche** tem por pressuposta missão, refletir de que modo se dá o ideal nietzscheano da genialidade respaldado na filosofia de Schopenhauer, averiguando o que tange a questão da cultura e formação do gênio. A partir do contexto histórico busca-se averiguar quais elementos Nietzsche toma como condição necessária de formação do educador em Schopenhauer.

Posteriormente no segundo capítulo – **Concepções de cultura na obra Terceira consideração Intempestiva** – será exposta a tese nietzscheana sobre cultura, postulada na conjuntura da Alemanha do século XIX, e tomando-a como referência para análise da cultura pós-moderna ou contemporânea. Este texto se propõe a refletir sobre como a estrutura cultural e seus principais fomentadores, o Estado, o comércio e a ciência contribuem ou impedem à formação do educador modelo.

Nietzsche busca no escopo da cultura trágica e da natureza a realização da formação do homem por excelência. E no terceiro capítulo - **A Cultura Trágica: como finalidade formativa** -, que aqui será exposto, o filósofo lança, por meio da análise trágica, mão da representação humana como única resposta a dar sentido ao fundamento existencial. Apresentar-se-á então que a noção conclusiva da tragédia a formar o indivíduo, responderá pela formação do homem que em seu gênio filosófico e artístico, atinge um plano superior em sua consciência existencial. A temática deste capítulo orienta-se pela análise da proposta de educação de Nietzsche frente à crítica da cultura de seu tempo. Compreendendo-se que sua crítica destina-se contra a cultura que, segundo ele entende, forma os jovens alemães somente para o trabalho.

No quarto capítulo deste trabalho – **A cultura do gênio educador** – buscou-se circunscrever os aspectos necessários para compor a formação do educador, por meio do ideal educativo de Nietzsche em seus primeiros escritos. Tendo todo este trabalho a proposta de refletir sobre a formação mais adequada, a fim de obter-se a melhor intelectualidade e disposição moral, compreendida como genialidade humana; considerou-se finalmente que, com a **Terceira Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador**, torna-se possível e mesmo viável percorrer o itinerário pedagógico que Nietzsche aponta. Embora, não se verifique uma definição última, sobre o conceito de cultura; a teia das conjecturas de Nietzsche consegue sustentar seus postulados críticos em relação à cultura de seu tempo. O que se concede aqui é refletir a proficuidade em se adotar alguns daqueles postulados, objetivando uma educação qualitativamente digna do homem na contemporaneidade do presente século.

1. A FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA NO TEXTO: A TERCEIRA INTEMPESTIVA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

O processo de unificação da Alemanha é um importante aspecto da concepção nietzscheana sobre cultura. Friedrich Nietzsche (1844-1900) no texto, a **Terceira Intempestiva: Schopenhauer Educador** refere-se ao Estado alemão – recentemente unificado (1871) – de seu tempo, como principal agente deturpador da cultura e do espírito do que seria propriamente a essência do homem. Tal Estado, sob muitos aspectos mantinha a mesma identidade cultural da época de Arthur Schopenhauer (1788-1860), no entanto a unificação não foi um fato vivenciado por este. Devido ao longo processo de unificação, pode-se ressaltar que as observações de Schopenhauer sobre formação cultural engajada pelo Estado tiveram grande influência nas teses nietzscheanas sobre a formação educacional.

Para expor a interpretação de Nietzsche sobre a cultura alemã faz-se necessário, tendo por base a **Terceira Intempestiva**, analisar em que contexto histórico se encontra a filosofia schopenhauriana. Esta análise e contextualização histórica, ainda que superficial, se deterá primeiramente sobre os aspectos da formação (educação) alemã do final do século XVIII até a primeira década do século XIX. Posteriormente, ancorada no pessimismo como modelo crítico capaz de problematizar o teatro social da cultura do século XIX, onde se desenvolve o pensamento schopenhauriano, a fim de compreender as motivações nietzscheanas para recomendar Schopenhauer como modelo de educador.

Por fim, trata-se de analisar a filosofia schopenhauriana no que tange a questão da cultura e formação do gênio, tendo a meta de verificar como se dá o ideal nietzscheano da genialidade. A partir do contexto histórico busca-se averiguar quais elementos Nietzsche toma como condição necessária de formação do educador em Schopenhauer.

1. 1. CONTEXTO HISTÓRICO NA ALEMANHA DE SCHOPENHAUER

O Estado alemão sob o qual nasceu Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), a Prússia, era um reino de forte ímpeto nacionalista¹ e almeja a unificação cultural do povo germânico tendo como principal argumento o idioma falado e a etnia dos estados da Confederação Germânica criada a partir do Congresso de Viena.

O projeto de unificação do Estado nacional alemão se deu de fato a partir de Otto Von Bismark (1815 – 1898) então nomeado chanceler (1862) pelo rei Guilherme I da Prússia. Bismark pertencia aos *junkers* (nobreza latifundiária), grupo que detinha privilégios junto ao Estado, ocupando posições de suma importância nas decisões burocráticas do Estado e no exército prussiano. Decorrendo disto a pertinente análise de Hobsbawm (2001), para o qual, o processo de unificação que tornaria o estado mais forte aliava-se e tinha apoio nos interesses que vinham de encontro ao que almejava a alta-burguesia. Unificado em torno da Prússia forma-se em 1870, o Estado nacional alemão, e consolida-se com a Guerra Franco-Prussiana, na qual estados sulistas se aliaram à Prússia, conduzindo-se para a vitória.

A influência do estado prussiano se fez notar em todos os aspectos da vida e da cultura alemã, principalmente nas instituições, e, dentre estas a que mais interessa aqui é a educativa. Isto porque, para o jovem Nietzsche da **Terceira Intempestiva: Schopenhauer Educador**², o Estado figura como empecilho ao que este filósofo entende por verdadeira cultura³. Diante disso, faz-se importante analisar a situação da

¹ Segundo Hobsbawm (2001, pp.126-127) o “princípio de nacionalidade” posteriormente denominado pelo termo “nacionalismo” seria mais propriamente entendido como: uma luta pelas reivindicações dos membros de uma nação (neste caso a alemã) contra um governo tirânico. Para este historiador, a “nacionalidade” em si mesma desempenharia um interesse de segundo plano, porém, um mote de suma importância para os interesses do liberalismo e do progresso econômico.

² As Considerações Extemporâneas em algumas traduções, inclusive a do presente trabalho, trazem Considerações Intempestivas como títulos (MARTON, 1999, p.30). As referências às Considerações Extemporâneas serão neste trabalho, abreviadas por: Co. Ext., acrescidas da numeração que as submetem ou, pelo seu subtítulo.

³ Tese que será exposta no capítulo III.

conjuntura escolar na Alemanha do século XIX, escola esta que é uma agência construtora de cultura, financiada pelo Estado.

A partir de 1815, a Prússia renovou todo seu sistema escolar, sobretudo o elementar. Para preparação dos mestres abriram-se escolas normais que se multiplicaram rapidamente. Quanto ao ensino secundário, as ideias divergiam: queixavam-se de um intelectualismo excessivo, de uma sobrecarga de saber ou reclamava-se um saber mais diverso. Entendeu-se que “na reação geral que se seguiu a 1815, o Estado semi-absolutista tinha necessidade de súditos dóceis, de espíritos medíocres e honestos, não precisava de caracteres independentes nem de espíritos eminentes” (BIANQUIS s/d, p.118).

Na primeira década do século XIX o programa escolar almejava, segundo Bianquis (s/d, p.107), a apreensão de noções básicas de escrita e leitura, bem como de aritmética nada sofisticada, destinava-se a um intenso saber sobre a Bíblia e memorizar cânticos. Tal formação era tarefa que cabia a um mestre com “poucas garantias quanto às capacidades pedagógicas” (Ibidem, p. 108). Aqueles que detinham a função de mestre eram (antigo criado ou ex-soldado) indicados pelo senhor da aldeia, que na nomeação para este cargo, tinha mais em mente o reconhecimento dos serviços prestados, ao invés da capacidade intelectual ou didática.

As universidades são o foco da vida citadina, no contexto abordado. A logística da vida comercial dá suporte e se consolida através da vida na universidade, que em seus estudantes e professores tem seu valor e reputação. Quanto aos estudantes o prestígio, segundo Bianquis (s/d, p.120) se dá menos pelos seus hábitos de estudos, do que pela maneira – embebida do ideal romântico – que usa gastar o dinheiro e ridicularizar o burguês. Outro tipo de estudante também compunha os bancos universitários, aquele que encontrava na vida intelectual o aperfeiçoamento de sua cultura. Estes buscavam meios de ampliarem sua cultura e saber por meio de seminários de pesquisa, cursos e horas de leitura nas bibliotecas.

A partir de 1815 os estudantes viriam de todas as camadas da população. Todavia, o “contraste entre um mundo na teoria totalmente aberto ao talento e, na

prática, com cósmica injustiça, monopolizado pelos burgueses e filisteus” (HOBSBAWM, 2001, p.282); imiscuiu o âmago da juventude que se rebelaria contra tal postura social do antigo regime. Isto serviu de base para uma sociedade que lutaria por suas convicções em 1848.

No ideário unificador prussiano funda-se os laços estreitos da juventude alemã que congrega-se por meio da noção de unidade nascente do povo alemão. Isto ocorre na livre associação de toda a juventude alemã que recebe nas universidades uma formação científica, por meio do ideal de fraternidade aberta a todos “*Burschenschaft geral*” (BIANQUIS s/d, pp. 123 - 134).

Arraigado no espírito da época, o nascente nacionalismo – o amor à pátria e o sentimento de honra em defendê-la – fora o mote do Estado alemão para instituir-se como meta humanitária. Por meio da educação, fez-se com que formassem cada vez mais cidadãos imbuídos desse espírito dócil, agregados e defensores da coletividade, aptos a exercerem o papel ao qual se prontifica todo homem deveras educado. Papel este, que representa uma leitura diametralmente oposta a do jovem Nietzsche ao conceber homem cultivado⁴.

Marca deste contexto histórico do século XIX é posição do artista em relação à cultura da sociedade de seu tempo. A invenção do conceito de gênio, na era romântica, detém uma importância fundamental para o desvelar da cultura alemã desta época. Isto porque, o artista apartado de uma função reconhecida faz despontar por si só uma estranheza e incomodo inabitual no teatro social. A genialidade distingue qualitativamente os melhores dos demais.

⁴ Entende-se que no texto nietzscheano, **Schopenhauer Educador** os termos: ‘educador’, ‘gênio’, ‘homem culto’ ou ‘cultivado’, ‘grande homem’, ‘o melhor dos homens’, bem como mais adiante se falará em ‘homem de Schopenhauer’ são expressões que se equivalem. Isto é, são nomenclaturas que visam destacar qualitativamente estes tipos humanos, que para Nietzsche, estes termos tem por objetivo representar o desenvolvimento maior que aqueles homens tiveram em sua humanidade; diferindo-se do extenso contingente restante da espécie, denotados como ‘homens comuns’ ou a ‘massa’ – estes dois últimos também equivalendo-se entre si.

1.2. A FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER COMO BASE DA TESE NIETZSCHEANA SOBRE CULTURA

A Filosofia de Arthur Schopenhauer e sua crítica pessimista a cultura alemã do século XIX é o ponto de partida para a compreensão dos primeiros textos de Friedrich Nietzsche sobre a cultura e a formação do educador. De modo peculiar, por meio da interpretação das postulações da tese schopenhauriana circunscreve-se o material conceitual da **Terceira Intempestiva**.

O texto nietzscheano, acima mencionado, traz em seu subtítulo a importância do pensamento de Schopenhauer para o jovem Nietzsche. **Schopenhauer Educador** é a tese central que permite vislumbrar a compreensão do termo cultura para Nietzsche, ou seja, propor o ideal de homem a ser cultivado plenamente, um ser capaz de se destacar por sua singularidade frente aos demais homens, contrapostos aos homens sem inteligência ou incapazes de utilizá-la, por si próprios. Nietzsche almeja a formação do gênio, e neste reconhece exemplarmente o filósofo Schopenhauer.

Pela terminologia de **cultura vigente**, entende-se em Nietzsche, aquilo que expõe a cerca da cultura que se apresenta na Alemanha de seu tempo, por vezes referida também como cultura decadente ou “pseudocultura”⁵. Isto é, o conjunto de valores, razões e realizações que a grande maioria do povo alemão daquela época toma por cultura. Tal acepção de cultura será a base da análise crítica do filósofo, e se mostrará a antítese daquilo que ele entende por **verdadeira cultura** ou autêntica, ou seja, a formação que incute e promove o desejo no “homem que quer renascer como santo e como gênio” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p. 184).

O otimismo que se manifesta como propulsor da cultura vigente na Alemanha seria uma espécie de saber que não possuía limites, pois qualquer empecilho manifesto seria questão de tempo até a razão superar. Fruto da postura iluminista este crédito

⁵ Cf. NIETZSCHE, F. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino**. 2009, p. 101. A partir deste ponto referenciado como: **EE**. 2009.

extremado da Razão e do conhecimento científico, segundo Nietzsche (2007) demonstrava, mais “uma falta, um defeito, uma lacuna, do que um transbordamento de forças” sapiencial. Na óptica otimista, apresenta-se uma tentativa de obscurecer, muito mais do que iluminar, ou seja, um subterfúgio para escapar “da pequenez e da maldade morais a que o homem alemão está submetido sem essas derivações” e muitas vezes, por causa destas. (NIETZSCHE, CP., 2007, p.23).

Diretamente relacionada à postura de Schopenhauer, contrária à adoração da cultura científica por parte da formação educativa adotada, Nietzsche acata também a aversão pela figura do homem da ciência⁶, o erudito⁷. Este homem, escravo da verdade demonstra que “sua verdadeira seriedade consiste em ganhar com honra um honesto meio de subsistência para si” (SCHOPENHAUER, 2001, p.6).

O enfrentamento e aniquilação de toda filosofia (da ciência em um sentido *latu*) otimista é o que se propõe a filosofia schopenhauriana, da qual Nietzsche tomou como escola. Para Schopenhauer (1960), a negação ou ignorância do sentido último da existência é o grande ponto a ser corrigido na história do pensamento humano. Isto porque em sua filosofia o sofrimento é a razão de ser no mundo. Na medida em que o indivíduo é afastado para longe do mundo real, ele torna-se mais inquieto e disperso, sujeitado por um fazer qualquer. Do contrário, o contato próximo com o manto da verdade, faz do indivíduo alguém focado e sereno quanto à razão do seu ser e sua proposta em realizar-se plenamente. Este último tipo individual compõe o grupo daqueles que são responsáveis em dismantelar a visão que os otimistas quiseram adaptar ao seu sistema, e “apresentá-lo *a priori* como o melhor dos mundos possíveis. O absurdo é evidente” (SCHOPENHAUER, 1960, p. 27).

⁶ Na época de Schopenhauer e posteriormente na de Nietzsche a filosofia é tida por ciência. Cabendo então a crítica ao homem de ciência a todos os que defendem uma postura otimista diante do conhecimento a cerca da verdade. Postura esta refutada por Schopenhauer desde a sua crítica kantiana, bem como, continuará a ser contesta com intensidade maior a partir das teses fundadas em seu pessimismo radical.

⁷ Segundo Süsskind (2007), o termo: Erudito [*Gebildete*] tem sua origem no termo *Bild* (quadro, imagem, figura), ainda se aplicaria como gênese do verbo *bildem* (formar) e *Bildung* (formação). Quanto ao sentido transliterado seria correto entender a *Gebildete* como “formado”, porém, o atribui-se este a significação “do homem culto e instruído, do estudioso, daquele que tem um vasto conhecimento acerca dos fatos históricos, portanto o erudito” (SÜSSEKIND, In: NITZSCHE, CP. 2007, p. 35).

Partindo de uma abordagem volitiva, Schopenhauer contradiz toda perspectiva otimista, defendendo que “se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo” (SCHOPENHAUER, 1960, p.5). A elaboração desta tese tem sua raiz na postulação de que o real constituinte de toda a existência é a Vontade; uma vez esta não podendo nunca ser plenamente saciada, o desprazer (sofrimento) é perene.

A fuga consciente desse mundo de dores é o que a filosofia schopenhauriana propõe, isto é, deixar de ser um objeto da Vontade, escapar ao contínuo sofrimento, dar-se-ia por meio da contemplação artística. A obra de arte seria um dos possíveis modos de aniquilação da vontade, sem tornar-se, no todo, um joguete de seus anseios. Possibilidade essa, a partir de Schopenhauer afirmar que,

quando uma circunstância estranha, ou a nossa harmonia interior nos arrebatava por um momento à torrente infinita do desejo, nos livra o espírito da opressão da vontade, [...] e as coisas nos aparecem desligadas de todos os prestígios da esperança, de todo o interesse próprio, com objetos de contemplação desinteressada e não de cobiça; é então que esse repouso, procurado baldadamente nos apresenta e nos dá o sentimento da paz em toda a sua plenitude. [...] nos vemos por um momento livres da pesada pressão da vontade (SCHOPENHAUER, 1960, p.108).

Por meio da obra de arte haveria então uma fuga do império da vontade. Para Schopenhauer, a arte por excelência é a música. Ainda que a música em si mesma, não seja o mote principal de pesquisa do presente trabalho⁸; no que tange a filosofia de Nietzsche e sua preocupação com a cultura, a herança schopenhauriana quanto o valor da arte musical é de grande importância. Uma vez que para esta filosofia pessimista, a genialidade se exprime nesta arte. Trata-se aqui de deixar de ser um objeto subjugado da vontade (usado como meio) e tornar-se o detentor, o regente, aquele que tem a Vontade em mãos.

A música não exprime nunca o fenômeno, mas unicamente a essência íntima de todo o fenômeno, numa palavra a própria vontade. A invenção da melodia, a descoberta de todos os segredos mais íntimos da vontade e da sensibilidade humana, é a obra do gênio. A sua ação é aí mais visível que em qualquer outro assunto (SCHOPENHAUER, 1960, p.114).

⁸ Nietzsche adota a música dentro da compreensão de Tragédia. Concepção esta que pressupõe música e texto falado como partes fundamentais do espetáculo trágico. Arriscadamente, talvez, possa se dizer, que ha uma sobreposição de importância significativa da música sobre o texto; todavia, essa afirmação representa algo temerário e incerto.

Reconhecendo a importância da música na filosofia de Schopenhauer, Nietzsche a absorve e faz dar frutos, principalmente na compreensão da tragédia. Assim, pode-se afirmar que o jovem Nietzsche de **O Nascimento da Tragédia: Helenismo e Pessimismo**⁹ é todo ouvido às palavras de Schopenhauer, quando este expõe a obra de arte trágica como negadora racional da vontade, afirmando que “O verdadeiro e o último objeto da tragédia é inclinar-nos à resignação, a negação da vontade de viver” (SCHOPENHAUER, 1960, pp.110-111).

A perspectiva negativa da vontade é o ponto estratégico para a formação questionadora da qual Nietzsche reconhece em Schopenhauer um ideal educativo. Pois, encoraja o indivíduo a permitir a si próprio deparar-se frente a frente com a terrível verdade da vida: o sofrimento é sua finalidade. No texto schopenhauriano é possível encontrar a filiação da sabedoria do companheiro¹⁰ de Dioniso¹¹ da qual Nietzsche proclamará, ao dizer o que cabe ao homem. Isto é, que o melhor lhe é inalcançável: pois, não ter existido, não vir a ser; lhe caberia como melhor, conseqüentemente morrer logo, seria o preferível. (NIETZSCHE, NT, 2007, p.37).

Nietzsche (2009, Co. Ext. III) vislumbra o gênio schopenhauriano como educador exatamente pela afirmação de caráter do indivíduo, subjugando a determinação exotérica. Para compreender o pessimismo crítico schopenhauriano, bem como a concepção trágica da cultura autêntica é imprescindível ter em mente a frase: “O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43.). Sob esta perspectiva conjuntural e tomando o sujeito inserido no mundo, que hora o sujeita através da Vontade opressora, Schopenhauer indica a possibilidade de o indivíduo adotar o poder da representação criativa da obra de arte como alternativa. É a partir dessa perspectiva que Nietzsche irá buscar referência na obra **O mundo como vontade e como**

⁹ A partir deste ponto referenciado como NT, 2007.

¹⁰ Trata-se de Sileno que, segundo a mitologia grega, era um demônio silvestre de grande sabedoria, além de conhecer o futuro; mas só diz a verdade sob o efeito de vinho. Ele teria educado o deus Dioniso. (Nietzsche, NT, 2007, p.33).

¹¹ O deus grego, o Baco dos latinos; que era filho de Zeus e rivalizava com Apolo, que era seu irmão.

representação de Schopenhauer ¹². A partir da noção trágica da vida, organizada e vivida pelas pulsões representativas das figuras mitológicas dos deuses Apolo e Dioniso, a filosofia nietzscheana se desenvolve na perspectiva de entender, expor e educar o homem em sua real condição de existência. Isto é, um existir que busca compreender-se a si próprio e realizar-se plenamente enquanto obra de arte, na tentativa de superação ao estado natural ilógico da vida, se aceita o fundamento existencial como sendo volitivo.

A noção trágica da existência, herdada da filosofia schopenhauriana é imprescindível para direcionar a pesquisa e formulação filosófica capaz de engendrar uma cultura verdadeira. Compreender a filosofia de Schopenhauer e de Nietzsche através de sua perspectiva existencial é também compreender a tragédia, peculiarmente a tragédia grega, como referencial para explicar o que é o homem e qual sua finalidade no mundo. Esse pressuposto engendra-se a partir do entendimento de qual seria a formação pertinente para educar o futuro homem a viver nesse mundo, como ator consciente e responsável por suas ações que devem visar transformar e aperfeiçoar a sua existência.

¹² Cf. SCHOPENHAUER, 2005, p. 39. **O Mundo como vontade e como representação** é a obra capital de Arthur Schopenhauer que ele mesmo assim a define no prefácio a terceira edição.

2. CONCEPÇÕES DE CULTURA NA OBRA: TERCEIRA CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA

Nesta obra, Nietzsche delimita a conceituação e o emprego do termo cultura e sua capacidade de engendrar o educador. Neste capítulo será exposta a tese nietzscheana sobre cultura, postulada na conjuntura da alemã do século XIX, e tomando-a como referência para análise da cultura pós-moderna ou contemporânea¹³. Este texto se propõe a refletir sobre como a estrutura cultural e seus principais fomentadores, o Estado, o comércio e a ciência contribuem ou impedem à formação do educador modelo.

Num primeiro plano analisar-se-á o Estado alemão que, segundo Nietzsche (Co. Ext. III, 2009, p. 184), sendo o maior promotor da cultura vigente, não capacita o desenvolvimento pleno do indivíduo naquilo que este tem de mais peculiar, do contrário; todo Estado - aqui pode-se transpor para o atual Estado pós-moderno –, destina-se a formar funcionários aptos a reproduzirem a funcionalidade da máquina governamental. No caso alemão, trata-se de um Estado fortemente imbuído dos valores bélicos e da concepção nacionalista engendrada sob o comando unificador do Reino da Prússia.

Distante do modelo de Estado militar prussiano, os Estados e governos de hoje, de modo general, guardam semelhanças com aquele. Dir-se-á que tanto na atualidade do século XXI, bem como na recém criada Alemanha, o Estado exerce um posto de destaque no que tange a cultura. Por meio deste paralelo, buscar-se-á a superação do modelo cultural fortemente dependente do Estado, ou seja, aquilo que Nietzsche propõe como ideal de uma nova cultura servirá de pressuposto teórico para se postular, nos dias atuais, outro tipo de formação humana.

A economia irracionalizada promovida pela cultura atual reproduz os ideais e materializa as formas necessárias, do que Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p. 216) denomina “egoísmo dos negociantes”. A cultura do comércio que será promovida por um modelo torpe de formação do homem é alvo da crítica nietzscheana e será o segundo ponto de análise. Seguido da análise do homem formado pela cultura da

¹³ Cultura contemporânea será sempre empregada, neste trabalho, no sentido de cultura hodierna; isto é, referindo-se de forma mais restrita possível à atualidade, compreendida no espaço-tempo da última década do século XX até os dias de hoje.

ciência e sobre a análise da cultura na acepção nietzscheana. Trata-se de expor aquele indivíduo do conhecimento científico (teórico) que, na interpretação de Nietzsche (2009, Co. Ext. III) é o mais degenerado dos homens e o maior obstáculo para a verdadeira cultura, pois o cultivo que advém da ciência é o homem erudito, entendido como homem culto. Segundo Nietzsche “o homem culto degenerou-se até se tornar o maior inimigo da cultura, pois ele quer negar com mentiras a doença geral, e é um estorvo para os médicos” (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p. 194).

A partir da crítica de Nietzsche à ciência, a cultura científica de seu tempo, buscar-se-á estruturar a base conceitual para interpretar e dialogar com a cultura da ciência contemporânea. Isto é, utilizando-se da conceituação nietzscheana para expor o déficit na formação atual, que a educação propaga na elaboração falha de um ensino voltado para a metodologia do conhecimento científico.

Cabe aqui investigar na **Terceira Intempestiva**, de que forma Nietzsche critica a cultura de seu tempo, esclarecendo sua concepção de verdadeira cultura, a cultura autêntica. Busca-se fundamentar a reflexão da cultura atual e a cultura do educador contemporâneo, ou seja, qual a formação cultural possibilita cultivar o educador na atualidade do século XXI.

2.1. A CULTURA VIGENTE

Nietzsche execra a cultura de seu tempo, entendendo que tudo aquilo que se entende por cultura, na sua época, é na verdade o oposto ou, termina por formar o oposto do que almeja (o homem cultivado) uma sociedade culta. Ou seja, a cultura vigente, gera a barbárie¹⁴. Conceito este, que é a contradição máxima a acepção do termo cultura. Contrapondo o modelo de formação, Nietzsche propõe aquilo que ele

¹⁴ Este termo encontra sua melhor aplicação, em contraposição ao conceito de cultura de Nietzsche que toma como ponto de partida duas teses sobre o problema da cultura e da educação. Para Nietzsche (2009, EE, p.72) a cultura ou a educação, pretendidas em dois princípios correntes, a saber, o princípio que tende a extensão da cultura e o princípio que tende a redução, são nefastos a formação do grande homem. Tanto a extensão (universalização da cultura ou educação), quanto a redução (especialização da cultura), acabam por degenerar o homem, ou seja, na tese nietzscheana tanto a especialização como “a cultura mais universal é exatamente a barbárie” (2009, EE, p.74).

toma por cultura autêntica, ou seja, a formação que é capaz de gerar o homem culto, uma forma de educação necessária para engendrar o tipo de homem que uma cultura autêntica necessita.

A tese basilar intempestiva é de que a formação do grande homem – imagem esta que Nietzsche credits a Schopenhauer enquanto modelo educador – invariavelmente está determinada pela cultura autêntica como sendo aquela capaz de formar o tal homem “contra seu tempo” (2009 Co. Ext. III, p. 189). Isto é, aquele que educado por cultura autêntica, possa superá-la, transpô-la e que será tomado como exemplo para as gerações futuras. Sobre este postulado nietzscheano repousa a proposta da cultura do educador¹⁵, que será analisada posteriormente.

Aquilo que Nietzsche critica em seu tempo transforma-se em elemento conceitual para análise da cultura hodierna, objetivando uma reflexão sobre a cultura ideal a formar o educador hoje. Segundo Nietzsche (2009 Co. Ext. III) a cultura do educador seria divergente do que a educação formal alemã de seu tempo propunha. Pois, a cultura vigente contaminava as mentes jovens reproduzindo-lhes a invenção cultural que visava manter os padrões já alcançados dos cargos assalariados do Estado (político e militar), da Ciência (erudito) e do Comércio (lucro da burguesia).

Educar para a cultura verdadeira seria, em Nietzsche, totalmente diverso do praticado nas instituições de ensino de sua época. É preciso esclarecer que “o pensamento fundamental da cultura” não se destina a todos os indivíduos da espécie, mas de apenas modo exclusivo, àquele que entende que tal pensamento

pode atribuir uma única tarefa a cada um de nós: *incentivar o nascimento do filósofo, do artista e do santo em nós e fora de nós, e trabalhar assim para a realização [Vollendung] da natureza. [...] como a natureza tem necessidade do filósofo, ela tem necessidade do artista, para um fim metafísico, sua própria iluminação, para que lhe seja enfim apresentado numa imagem pura e completa o que, na agitação do seu devir, ela não chegará jamais a ver distintamente – portanto, para o conhecimento de si próprio (Nietzsche, Co. Ext. III, 2009, p. 210-211).*

Por analogia, é possível analisar que hoje – guardada as proporções – a educação carece de um propósito distinto daquilo que vem sendo executado, no que se refere à formação integral do homem. Isto é, a cultura contemporânea necessita de outra forma e meios para formar o homem, entendendo-se aqui o ser humano

¹⁵ A cultura do educador é capítulo IV, do presente trabalho, intitulado: **A Cultura do gênio educador.**

plenamente desenvolvido em suas potencialidades intelectuais, biológicas, psíquicas e espirituais.

A problemática da generalização e da especificidade da educação e da cultura foi abordada por Nietzsche como empecilhos significativos a minar a verdadeira cultura. Tornaram-se grandes barreiras, pois

a tendência à **extensão** – todos devem ser educados para cultura e quanto mais cultura, mais felizes porque entende-se mais cultura como capacidade de mais produção e por isto mais lucro – à **ampliação** máxima da cultura, e a tendência à **redução** – o processo de erudição enquanto formação do especialista, a fragmentação do conhecimento –, ao *enfraquecimento* da própria cultura (NIETZSCHE, EE., 2009,p.72).

Mediado pela interpretação nietzscheana, dir-se-á que hoje, o modelo de cultura nesta primeira década século XXI denota uma continuação, aperfeiçoada tecnologicamente, das inépcias das últimas décadas do século XX. Entende-se que tal modelo de educação formal, proporciona cada vez mais a formação de pessoas que não querem saber o porquê de sua existência. Forma-se hoje o indivíduo para uma função, e nisto; gera-se um queixoso do existir que impossibilitado de refletir sobre si mesmo e sobre sua existência, acaba por lhe bastar o próprio existir.

O contentamento pueril do indivíduo formado pela cultura contemporânea, representada na execução de uma função (funcionário), evidencia a completa falta de compromisso consigo mesmo. É uma existência irresponsável, pois lhe basta existir, o que lhe importa em sua existência é o agora. Sua existência não é autêntica, pois viver o momento presente, não está relacionado com um estilo de vida como na expressão latina *Carpe diem*¹⁶, mas sim com a única opção fomentada pelo Estado, de funcionário.

Na educação formal atual não há a formação de caráter ou estilo de homem. Não há a busca de capacidade ascética de humildade, mas sim, um desleixo completo e uma falta de sentido que talvez se possa descrever como descuidado consigo mesmo. Mediante tal constatação, uma proposta de mudança na cultura do educador, promoveria uma revolução de proporções expressivas ao atual modelo social e educativo.

¹⁶ Expressão esta literariamente entendida por: **colha o dia** ou **aproveite o momento**.

Para Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p.166) o modelo de educador, capaz de despertar a essência natural do homem, corresponde a uma formação ideal que é capaz de engendrar outro homem semelhante ao gênio educador, a saber, o modelo imagético de Schopenhauer. Trata-se de um ideal formativo que busca elevar aquilo que a natureza tem de magnífico, ou seja, buscar na “imitação e adoração da natureza em seu papel criador”, um correlato para o surgimento do gênio educador.

A educação idealizada por Nietzsche, busca estabelecer a necessidade de uma cultura que purifique e promova aquilo que cada indivíduo já traz em si mesmo. Pois, a fim de que possa formar um caráter responsável e não nulo diante da tarefa de desenvolver-se a si próprio, bem como auxiliar os demais, compreende-se que o desconforto com o que a existência se apresenta como característica primeira do indivíduo formado contra a cultura de seu tempo. Ponto fundamental da cultura do educador.

Como educar-se contra sua própria época? Esta é a questão que emana da tese de Nietzsche na **Terceira Intempestiva**. É possível, a partir deste postulado nietzscheano, refletir sobre a educação do século XXI, levando em consideração que a formação que propõe educar o indivíduo para sobressair-se aos padrões já estabelecidos, que é digna da cultura do educador, não se verifica na cultura atual? Tais inquietações são mantidas no conjunto da reflexão.

2.2. A CULTURA DO ESTADO

Na postura cultural promovida pelo Estado, segundo Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p.192), torna-se impossível engendrar “o filósofo como educador”. Isto porque, a cultura que o Estado promove, visa formar funcionários dóceis e obedientes a serviço da vontade comum. O indivíduo não é prioridade na cultura estatal. Entende-se aqui, que a predisposição e atitude governamental contemporânea são passíveis das mesmas críticas de Nietzsche, pois também carecem da cultura do educador.

Diante a cultura do Estado a questão existencial deixa de ser uma preocupação filosófica voltada para a interioridade e passa a discutir e propor soluções políticas. Nietzsche, ao taxar “o problema da existência” como uma pilhéria filosófica, demarca a importância desta problemática na busca humana e sua efetiva realização. Isto é, a problemática existencial é tida como pífia pelos filósofos educadores formados pela cultura do Estado, pois somente buscam propor e justificar teses que mantenham seu formador como digno representante do poder que exerce sobre a vida dos homens. A crítica de Nietzsche, que pode ser estendida a cultura estatal hodierna, busca responder a questão: “Como uma inovação política bastaria para fazer dos homens, de uma vez para sempre, os felizes habitantes da terra?” (2009, Co. Ext. III, p.192).

Segundo Nietzsche, aquele que escapa ao juguete do Estado, e emerge como filósofo educador, entende a cultura como diferente de tudo o que os “professores de filosofia satisfeitos pelo Estado”, presumem sobre o cultivo e a formação do homem, algo para além do que se manifesta hoje com o título de cultura. O ideal de educador, representado em Schopenhauer, depõe contra o ambiente que o cerca.

Para Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p. 218) “o egoísmo do Estado” é o grande incentivador da formação da massa servil do Estatal e claramente é contrário à formação do gênio educador. Pode-se entender este egoísmo como o sentimento de conservação e auto-preservação do Estado, pois é preciso permanecer sob o controle e exercício do poder. Tal Estado promove a formação por meio de uma massificação de pensamentos desejos e ações, tudo isso em detrimento da genialidade individual que busca elevar-se em sua intelectualidade e moralidade visando o próprio bem.

A idéia de conjunto sempre prevalece na cultura do Estado, suprimindo o que é singular e distinto de ser massificado, coibindo a excelência individual que se sobrepõem ao pensamento comum. A essa lógica de supressão Nietzsche denomina Estado cultural, no qual “se vê atribuir a este a tarefa de liberar absolutamente as forças espirituais de uma geração de homens, para que elas possam assim servir e ser úteis às instituições existentes” (NIETZSCHE, 2009, Co.

Ext. III, p. 218). Com incentivo do Estado, a cultura não se interessa pelo homem, tão menos ainda pela excelência do ser humano.

Para promover o Estado e seus ideais, forma-se funcionários que lhe sirvam com extrema disciplina e que se tornem especialistas em criar outros adoradores do Estado. Assim, segundo Nietzsche, por meio da construção histórica e na perspectiva da massa produz-se necessidades que podem ser supridas sem maiores recursos. Isto é, como é escasso o número dos questionadores, o Estado não precisa responder a ninguém. Basta a ele, quanto muito, negar seus opositores.

Em uma cultura que visa manter os interesses do Estado, não se pode incentivar o espírito livre de gênio, ou seja, o educador capaz de delimitar as noções e funções estatais. Isto é, aquele que compreende o Estado apenas como um reparador e mantenedor de direitos civis e, não como finalidade existencial humana.

Na educação o Estado encontra o ninho de seus ideais, na medida que consegue criar e fomentar a necessidade de sua presença e exercício do poder (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III). Ele promove a Universidade com o interesse “de fazer educar através dela os cidadãos devotos e úteis” (Ibidem, p. 255), que ensinam que o Estado é a finalidade da existência humana. Do fomento desse tipo de formação cresce abundantemente o homem que anseia por um cargo público e que enxerga neste ideal a condição de felicidade para sua existência.

O que é instituído pelo Estado não é digno do nome cultura. Isto se aplica ao tempo de Nietzsche, como também a esse início de século XXI. Ao invés de educação, as instituições estatais promovem a preparação e treinamentos de seus futuros funcionários. Trata-se de uma domesticação das engrenagens que o Estado pretende utilizar para continuar o funcionamento da máquina social. O filósofo educador que jamais é perseguido por neste tipo de formação domesticada, surge apenas por acidente nos dias de hoje, é um fenômeno realmente benfazejo e intrigante, que chega quase a propor como fonte, o acaso; isto porque, ele nunca é objeto de cultivo da cultura do Estado.

2.3. A CULTURA DO COMÉRCIO

Assim como o Estado, o comércio fomenta um tipo de cultura. No que tange a cultura do comércio, esta é tão egoísta quanto a que o Estado patrocina. Ambas, segundo Nietzsche, são funestas à verdadeira cultura, aquela capaz de formar o gênio educador. O homem gerado pela cultura do comércio é tão animal em seu instinto de consumo exacerbado que acaba por deixar-se levar por esta animalidade ao invés de buscar erigir sua humanidade. O instinto do lucro e do consumo caracteriza tal animalidade, que desconhece a busca de um ideal, pois seu olhar não atinge perspectiva alguma, senão à que o comércio lhe permite.

A cultura financiada pelo comércio, tanto na crítica nietzscheana, como na sociedade atual, configura-se apenas em uma maneira de se obter lucro. O propósito comercial pretende formar o homem que possa, o mais rápido possível, render um ganho para a sociedade de consumo. Forma-se para a função de trabalhador. Cultiva-se, na cultura do comércio, alguém capaz de gerar renda e que tenha de dispô-la para continuar a executar uma função em qualquer um dos setores da economia. Assim,

é apreciada uma educação rápida, para se tornar logo um ser que ganha dinheiro, mas uma educação muito entranhada no entanto, para ganhar dinheiro. Não se atribui ao homem senão justamente o que é preciso de cultura no interesse do lucro geral e do comércio (NIETZSCHE, Co. Ext. III, p.2009).

Diante deste processo instaura-se como máxima: “quanto mais houver de conhecimento e cultura, mais haverá necessidade, portanto, também mais produção, lucro e felicidade – eis aí a falaciosa fórmula” (Ibidem, p.216). Desprovido de qualquer senso de humanidade tal lucro, que busca sempre juntar mais, não apresenta perspectiva em utilizá-lo para algo mais além do que lucrar outro tanto com isso.

O “egoísmo dos negociantes”, que Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p.216) entende como propulsor da cultura do comércio, é compreendido como a inteligência cultural que almeja a formação da massa, enquanto coletividade unidimensional de pensamento, gosto e ações, fomentada pela disciplina e idéia de castigo inculcado em seu interior.

Se aceita esta postulação nietzscheana, formar em tal cultura seria então

educar de tal maneira, que se extraia do seu grau próprio de conhecimento e saber a maior quantidade possível de felicidade e lucro. Com o auxílio desta formação geral, o indivíduo deveria – esta é a exigência – poder cobrar de si com precisão, a fim de saber o que poderia ele exigir da vida; e se afirma, enfim, uma ligação natural e necessária entre “a inteligência e a propriedade”, “a riqueza e a cultura”, mais ainda, que este liame é uma necessidade **moral**. Aqui, execra-se a educação que torna solitário, que coloca fins superiores ao dinheiro e ao ganho, e que exige muito tempo (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p.217).

Numa proposta inversa a formação do educador, que objetiva a autonomia e guia-se com propósito de desenvolver e exercer da melhor forma a humanidade. A cultura para formar o gênio educador visa o ser da humanidade, enquanto que a cultura do comércio tem por finalidade a propriedade do ter. Desta forma, o homem comum, que é o sujeito da massa e sujeito às noções que a cultura do comércio impõe é negligenciado por sua educação medíocre, não podendo entender as causas de sua existência mesma, uma vez que, não almeja as possibilidades para além das quais foi submetido.

A noção de falha ou culpa que este homem comum adota como castigo ao próprio fracasso está inerente a sua formação, por assim dizer, comercial. Isto é, não sendo um homem de posses, acaba por culpar a si próprio pelo insucesso, nas realizações de seus anseios. Ou ainda, quando se faz vítima, por comodismo indulgente para consigo mesmo, sua preguiça o impede de confrontar qualquer coisa – por mais que este embate pudesse elevar sua condição – que lhe tire o que adquiriu em sua miséria existencial.

Na perspectiva da cultura do comércio, concebida por Nietzsche (2009, Co. Ext. III), não é de se admirar que no século XXI a própria educação tornou-se um grande empreendimento comercial. Chega-se a esta assertiva, tendo como ponto de partida que, longe de proporcionar uma elevação intelectual e moral para o desenvolvimento humano, a popularização do ensino superior tem, tão somente, proporcionado negócios vantajosos a grandes centros comerciais e cidades universitárias. E o significado de homem culto na atualidade deriva de opiniões apressadas da mídia cotidiana.

Por mais que a falta de dignidade e de decência salte muito penosamente aos olhos e que uma elegância mentirosa se mostre novamente necessária para mascarar a doença desta pressa indigna. Pois é o liame que une a moda ávida da bela forma ao conteúdo horroroso do homem contemporâneo: aquela deve dissimular, este deve estar dissimulado. Ser culto significa agora: não se permitir observar até que ponto se é miserável

e mau, feroz na ambição, insaciável na acumulação, egoísta e desavergonhado na fruição. (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.221).

Na contemporaneidade a linha de produção de técnicos e profissionais da educação tornou a cultura do educador uma preocupação sem sentido, pois o que a cultura da atualidade apregoa é a capacitação exemplar de um profissional que vai obter como resultado de seu trabalho o ganho merecido e, com isto, adquirir o que desejar.

Qualquer gênio heróico que buscasse ser exemplo nas circunstâncias da cultura do comércio, não seria páreo para aos clamores da massa adestrada a preferir a mediocridade pomposa – apreendida nos meios massificadores de opinião – em detrimento ao vigor terrível da genialidade. Isto é, se, hipoteticamente falando, aquele modelo de gênio educador insurgisse (quase milagrosamente) ao acaso numa cultura do comércio, seria violentamente arrancado ou impedido de seu propósito, devido à devoção da massa de homens comuns por aquilo que eles prezam como mais valioso, o lucro.

Portanto, parece ser pertinente afirmar que os formados em uma cultura do comércio irão sempre impedir o exercício e até mesmo, se for o caso, a existência do filósofo educador. Pois, sempre aqueles irão temer serem destituídos de seus ganhos corriqueiros. Nos homens comuns forjados pela formação comercial a “sede de sucesso e de lucro” são os instintos da vontade a serem saciados (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.222). Pode-se dizer aqui com auxílio de Nietzsche que, para os homens comuns continuar medíocre é um desejo consensual, pois é mais vantajoso viver como animal adestrado e coagido, do que perecer no fardo da vida heróica de homem que, para apresentar sua melhor e mais digna imagem de humanidade, terá de guerrear contra a cultura de seu tempo.

2.4. A CULTURA DA CIÊNCIA

A noção de ciência moderna, descrita por Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p.223) em seus primeiros escritos, não se mantém intacta nos seus escritos posteriores,

pois ele estabelece uma crítica em oposição ao entendimento daquela ciência grega engendradora por uma espécie de cosmologia¹⁷. No entanto, o que ele compreende por cultura da ciência é uma cultura que fomenta sua própria manutenção, tal qual a cultura promovida pelo Estado e pelo comércio. Portanto, também não é uma cultura que almeja a formação do educador, enquanto gênio. Porém, terá êxito na formação dos servos da ciência, a saber, os eruditos¹⁸, aqueles que se dedicam exclusivamente a busca da verdade científica e têm nela a finalidade de suas existências.

A crítica nietzscheana vê o erudito, como um profissional vinculado à educação, porém longe de educar e promover a cultura do gênio educador. Isto porque, segundo Nietzsche (2009, Co. Ext. III), o erudito tem no cargo de cientista uma subvida, em favor da ciência que “ossifica de alguma maneira sua humanidade” (Ibidem, p.223). Isto quer dizer que o erudito toma como dada a excelência da humanidade e ela está sempre para além do que se apresenta.

O erudito, Para Nietzsche, apesar de acreditar ser um servidor da verdade é um empecilho na busca pela formação do homem que pretende viver segundo a genialidade natural do filósofo educador. A formação do erudito, por meio da cultura da ciência, ainda que importante, é insuficiente para formar o educador que se pretende, a saber, o gênio inspirado pela imagem de Schopenhauer através da cultura do educador. Isto, porque a formação do erudito trata de formar para a mais pura intelectualidade e despreza qualquer ênfase emocional no campo das verdades científicas.

A partir da acepção nietzscheana de erudito, compreende-se que a especificidade do conhecimento científico é um dos aspectos que mais distanciam a

¹⁷ Cf. Giacoia 2000, p.29-30. A nova concepção de ciência que será adotada a partir de **Humano Demasiado Humano I**, demonstrando “a ruptura com a metafísica de artista” no pensamento nietzscheano e “um distanciamento em relação à filosofia de Schopenhauer” (Ibidem, p. 42).

¹⁸ Nietzsche expressa por “erudito” o homem dedicado à ciência, o que na atualidade poderia ser dito dos cientistas. Descortina-se sobre o olhar nietzscheano a figura do “servidor da verdade” que com este pretexto incumbe-se de uma tarefa que jamais poderia dar cabo, ser o modelo de educador. Nietzsche propõe uma imagem caricata do erudito, e esvazia-o de conteúdo, propriamente no que diz respeito ao valor intelectual e mesmo moral no labor científico. Tal imagem, da ciência não perdura posteriormente nas obras de Nietzsche, como já tentou-se demonstrar acima.

formação do gênio educador. Isto porque, segundo a noção cosmológica da ciência grega – considerada por Nietzsche– a cultura capaz de formar o educador deve ser de outra natureza. A questão da formação científica seria mesmo desejável, se não fosse o seu problema de foco. Ou seja, por ter-se concentrado em demasia sob uma determinada particularidade, perde-se a noção do todo.

Somente o empírico interessa a ciência porque é passível de ser dominado, segundo a crença do pensamento científico moderno. Na dimensão catastrófica com que a ciência manipula a cultura aquilo que é tido por científico ganha logo status de verdade. A redução que o modelo de cultura guiado pela ciência propõe não encontra nenhuma significação para além do campo do útil.

A ciência pura, tal qual se pretendia a ciência histórica, proclama a corrupção do homem culto, denunciando o quão distante se está de uma cultura do gênio educador. A cultura da ciência não é capaz de engendrar a imagem da genialidade. Diante da educação erudita da época de Nietzsche e da formação do cientista de hoje, poderia ser dito, que os jovens talentosos, que poderiam despertar sua genialidade, é imposta uma formação incapaz de

prestar socorro a si mesmo: então, sem qualquer esperança, ele mergulha no mundo do dia a dia e do trabalho cotidiano: a atividade mais trivial o cerca [...] Ele disseca suas faculdades e acredita ver aí abismos fantásticos e cheios de caos. Em seguida, do alto deste conhecimento de si, que seu sonho inventou, se precipita novamente num ceticismo irônico. Não atribui o menor valor as suas lutas internas, e se sente disposto a tudo que fosse verdadeiramente útil, por mais vil que fosse. Então, busca consolar-se numa atividade precipitada e incessante, para com isso fugir de si próprio. (NIETZSCHE, EE, 2009, p.152).

Objetivando imperar sobre a natureza e consertá-la de suas mazelas, a artificialidade do homem da ciência, em sua postura anti-filosófica enquadra os problemas que consegue vislumbrar, os analisa pelo único fio de sua especialidade. Ao desconsiderar a existência em sua magnitude obscura, a ciência, para Nietzsche, apresenta na segurança da evidência inculcada na sua visão ‘objetiva’, qualquer coisa de uma “propensão ingênua e privada de escrúpulos” (Nietzsche, EE, 2009, p.149).

Nietzsche esclarece o proveito que a ciência traz a uma cultura autêntica, isto é, como esta pode contribuir para vida. Pois ele entende

que unicamente aquele que firmemente envolveu com o olhar o quadro geral da vida e da existência se servirá das ciências particulares sem se prejudicar, pois sem esta imagem reguladora de conjunto, elas são apenas fios que, no final, não levam a lugar nenhum e tornam o curso da nossa vida

ainda mais confuso e mais labiríntico (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.183).

Do contrário, uma ciência que proclama a verdade sobre o homem sem levar em conta a terrível força da natureza existencial, ditando as objetividades dos fatos, não faz nada além de uma análise superficial. Nietzsche (Co. Ext. III, 2009) entende que o sofrimento humano não tem alcance nem qualquer interesse na cultura da ciência, e o progresso desta; em nada auxilia a humanidade em seu propósito mais elevado. Pois, para ele, no campo científico “o sofrimento é algo de deslocado e de incompreensível” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.223).

Formar o homem para o a compreensão do saber-se vivendo, eis o real existir, pois enquanto lança-se ao melhor de si, esta é a concepção de uma formação do gênio educador. Tal propósito formativo, não será encontrado na educação da cultura do Estado, nem do comércio, nem mesmo na cultura da ciência. A formação oriunda destas culturas não tem em seu âmago uma formação caráter voltada à compaixão pela vida. Na formação do filósofo educador, aos moldes schopenhaurianos, Nietzsche reforça a exigência de formação de caráter, pois teria na natureza humana a redenção em ter engendrado uma cultura que tem como tarefa alcançar a humanidade.

3. A CULTURA TRÁGICA: COMO FINALIDADE FORMATIVA

A temática deste capítulo orienta-se pela análise da proposta de educação de Nietzsche frente à crítica da cultura de seu tempo. Compreendendo-se que sua crítica vai de encontro à negativa de se educar para a vida em sua plenitude existencial. Isto porque, ele entende que os jovens alemães formavam-se para o trabalho, seja na fábrica, no comércio ou na ciência, todo o processo concorria para o maior interesse do Estado, desconsiderando a unidade que é cada indivíduo.

Na obra, **Escritos Sobre Educação: Friedrich Nietzsche**, encontra-se importante apontamentos sobre a **Pedagogia de Nietzsche**¹⁹. Essa pedagogia é compreendida como a verdadeira formação que educa para vida, isto é, “a tragédia como meio de educação” (NIETZSCHE, **Fragmentos póstumos e aforismos**²⁰, 2010, p.261). A partir desta tese o sentido e a importância do educador, formado para exaltar uma cultura autêntica, acabará por se revelar na sabedoria do homem em adquirir a verdade existencial e como vivê-la em sua excelência, a saber, por meio da cultura trágica.

Embebido da crítica schopenhauriana pessimista e da filosofia da arte de Wagner²¹, Nietzsche, objetiva na cultura trágica a renovação da pedagogia escolar. A noção cosmológica do conhecimento trágico que de modo terrível compacta o indivíduo a sua condição miserável, é a mesma força natural que o impulsiona como mediador do aperfeiçoamento da humanidade em resposta a imperícia da natureza. Nisto entende-se que, a noção trágica permite ao homem, nela formado, levar a cabo por meio da arte e da representação, aquilo que de forma natural a vontade não atingiu. Isto porque, ao se pretender formar e atingir o melhor, o mais perfeito dos homens, resta sempre ainda algo por apreender e realizar nesta arte de educar, que é imitação da disposição natural. Como afirma Nietzsche: “a natureza é má economista, suas despesas são bem

¹⁹ Cf. NIETZSCHE, 2009, p. 7ss. Trata-se do título da apresentação das obras nietzscheanas do escrito. Tanto a apresentação em questão, como a tradução e notas são de Noéli Correia de Melo Sobrinho.

²⁰ A partir deste ponto referenciado como FP (2010).

²¹ Cf. MARTON, 1991, p.17. Richard Wagner, compositor alemão e amigo de Nietzsche na juventude.

maiores do que as receitas que ela consegue” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.235-236).

O educar para Nietzsche é imitar a natureza, corrigindo-lhe as imperfeições e inibindo a prodigalidade que o meio natural detém ao engendrar o homem. Desta forma pode-se pensar que educar é libertar, no sentido de que esta libertação é compreendida como “extirpação de todas ervas daninhas, dos dejetos, dos vermes que querem atacar as tenras sementes das plantas” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.165-166) a serem cultivadas. Nesta estrita relação metafórica da educação com a formação natural, a cultura trágica busca na proximidade do pensamento primitivo a pertinência, importância e relevância na formação do homem em qualquer tempo. Assim, busca-se demonstrar como através da cultura trágica a educação é “imitação e adoração da natureza no que esta tem de maternal e misericordioso” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p. 166).

Fortemente marcado pelas impressões da estética de Wagner, (GIACÓIA, 2000, p. 31) Nietzsche, em seus primeiros escritos, concebe a arte como conhecimento de mais valia para vida, em detrimento, ou mesmo em oposição à ciência. Esta importância dada à arte frente à ciência será reinterpretada a partir de **Humano, demasiado humano I: um livro para espíritos livres**²², obra esta que costuma ser aceita – por aqueles que didática ou pedagogicamente fragmentam o pensamento de Nietzsche em três fases – como obra inicial da segunda fase dos escritos nietzscheanos.

Nietzsche busca no escopo da cultura trágica e da natureza a realização da formação do homem por excelência. Ele lança, por meio da análise trágica, bem mais longe a pedra filosófica da representação humana como única resposta a dar sentido ao fundamento abissal da existência. Dessa forma, a noção conclusiva da tragédia a formar o indivíduo, responderá pela formação do homem que em seu gênio filosófico e artístico, aprendeu e atingiu um plano superior em sua consciência existencial. Este

²² Citada a partir deste ponto como: HH. I, 2005. Em que Nietzsche desobriga-se de seus tutores até então. “Talvez me censurem muita “arte” nesse ponto, muita sutil falsificação de moeda: e que eu, por exemplo, de maneira consciente-caprichosa fechei os olhos à cega vontade de moral de Schopenhauer, num tempo em que já era clarividente o bastante acerca da moral; e também que me enganei quanto ao incurável romantismo de Richard Wagner” (NIETZSCHE, HH I., 2005, p.8).

nível simplesmente justifica sua existência, pois se encontra acima dos demais homens. O homem comum não alcança a compreensão da própria existência, pois não pergunta sobre a razão desta, contrariamente o homem formado da cultura trágica que detém uma co-responsabilidade para com os demais, que não atingem o alto da montanha trágica que é o existir, responde a si mesmo, ao habilitar os demais a partilharem da mesma percepção.

3.1. O APOLÍNEO E O DIONISIACO

O objetivo de uma cultura autêntica foi exposto por Nietzsche em **O Nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo**, revelando a sabedoria trágica dos gregos em conseguir conciliar duas pulsões cósmicas²³ do homem em prol da vida em sua real significância, uma interpretada como a pulsão conservadora (apolínea) e outra como a pulsão extravagante (dionisiaca); ambas inerentes e imprescindíveis ao substrato natural de uma cultura.

Estes dois impulsos da vontade de viver representados, um pelo deus Apolo (princípio da individuação, da sobriedade, da justa medida), também podendo este ser entendido como noção reguladora ou normativa, contrapõe-se ao deus Dioniso (simbolizando o informe, a desmedida, a transgressão de todos os limites) que tem na síntese trágica sua confluência original.

A tragédia ática permitiu aos gregos encontrar o equilíbrio entre estas duas pulsões que impelem o homem não somente a representação artística, mas principalmente, aos impulsos para a existência humana e sua significação. Educar para

²³ Marton (1990) demonstra como o apolíneo, nietzscheano, e o ímpeto dionisiaco se contrapõem e paradoxalmente se complementam. Apolo, o deus da bela forma e da individuação, permitia a Dioniso que se manifestasse; Dioniso, o deus da embriaguez e do dilaceramento, possibilitava a Apoio que se exprimisse. Um assegurava ponderação e domínio de si; o outro envolvia pelo excesso e vertigem. Como a luz e a sombra, a superfície e as profundezas, a aparência e a essência, mostravam-se imprescindíveis Conjugados na tragédia, eram manifestações, na arte, de duas pulsões cósmicas (MARTON, 1990, p.56).

essa compreensão de mundo é, segundo Nietzsche, a formação para a cultura verdadeira, ou seja, a cultura trágica.

O deus Apolo é para os gregos a divindade da “bela aparência do mundo do sonho²⁴”. Com essa afirmação, Nietzsche postula que assim como no sonho, onde nada é indiferente ao sonhador, no entanto tudo é remetido de sentido e significação, ou seja, ao indivíduo que sonha tudo é conhecido mediata ou imediatamente. Porém, na realidade cotidiana o conhecimento individual imprime significado a tudo que lhe cerca, mas, tanto na realidade diária, como no sonho resta uma sensação de algo por faltar, ao menos em mentes semi-despertadas. A razão desconfia que aquele todo sonhado não é realmente como se apresenta, porém mesmo “na mais elevada existência dessa realidade onírica”, ainda à sensação presente da aparência (NIETZSCHE, NT, 2007, p.25).

A principal característica que Nietzsche (NT, 2007) destaca sobre o apolíneo é o seu “princípio de individuação” [*principium individuationis*]. Enquanto herança schopenhauriana, a função desse princípio de individuação é uma espécie de faculdade embelezadora e otimista da vida. No impulso existencial e artístico que se remete a Apolo, tal princípio opera como emulador existencial. Uma formação educativa pautada exclusivamente nessa faculdade obtém uma crença, sempre mais confiante, de que a partir desse princípio pode-se obter, por meio da arte humana, um conhecimento seguro e uma existência tranqüila (NIETZSCHE, NT, 2007, p.27).

Em Schopenhauer (2005), a relação que mostra a limitação do conhecimento e da existência otimista é chamada de “Véu de Maia²⁵”. A imagem direta que se pode estabelecer entre a denominação schopenhauriana e o apolíneo nietzscheano é a de que o princípio de individuação conforma e preserva a vida. Isto porque:

o homem individual está sentado tranqüilo em meio a um mundo pleno de tormentos, apoiado e confiante no *principium individuationis*, ou modo no qual o

²⁴ Apolo tem ainda como tarefa, segundo acreditavam os gregos, ser o deus divinatório. Sendo ainda, “a divindade da luz, reina também sobre a bela aparência do mundo interior da fantasia. A verdade superior, a perfeição desses estados, na sua contraposição com a realidade cotidiana tão lacunarmente inteligível, seguida da profunda consciência da natureza reparadora e sanadora do sono e do sonho, é simultaneamente o análogo simbólico da aptidão divinatória e mesmo das artes, mercê das quais a vida se torna possível e digna de ser vivida.” (NIETZSCHE, NT, 2007, p.26).

²⁵ Cf. Schopenhauer, 2005, p. 356.

indivíduo conhece as coisas como fenômeno (SCHOPENHAUER, 2005, pp. 450 e 451).

Paralelamente ao apolíneo, ou mesmo contrapõe-se a ele, tem-se o dionisíaco. Dionísio, segundo Nietzsche, é o deus que responde pelo impulso mais natural da vida, isto é, aquilo que mais se assemelha ao “Uno-primordial²⁶”, a partir do qual todos os existentes têm sua origem. A sensação dionisíaca é transcrita e sentida do mesmo modo que a embriaguez e, sob influência manifesta do dionisíaco “a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem” (NIETZSCHE, NT, 2007, p. 28). O que permite-se aqui entender, por meio desta metáfora nietzscheana, é que o dionisíaco relaciona o homem em sua porção mais próxima do natural, em detrimento da artificialidade.

Ao encontrar na tragédia ática o aspecto fundamental da serenidade grega e interpretá-la como fundamento de uma cultura autêntica para formar o homem cultivado por excelência, Nietzsche aponta para uma educação mais naturalizada, na medida em que está mais próxima de um fim humanamente digno de ser almejado. Assim, a tragédia torna-se a faculdade pela qual cada um “se sente não só unificado, conciliado, fundido com seu próximo, mas um só, como se o Véu de Maia tivesse sido rasgado” (NIETZSCHE, NT, 2007, p. 28), e surgisse o todo como que desvelado.

O princípio do saber trágico surge da pergunta sobre o sentido da existência, e da resposta de caráter dionisíaco. Ou seja, a desmesura inebriante da vida em sua raiz existencial é o ponto de partida. A guisa de postulado, Nietzsche expõe que, interrogado incessantemente pelo rei Midas sobre o que seria melhor para o homem, Sileno teria dito:

Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não *ser*, *nada ser*. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer” (NIETZSCHE, NT, 2007, p.33).

Este é o tipo de ímpeto de sabedoria necessária, que deveria encontrar-se presente em um educador, tão logo exposta em uma cultura trágica. Para Nietzsche

²⁶ Cf. NIETZSCHE, F. NT, 2007, p. 45.

esta sabedoria, a sabedoria de Sileno²⁷ (segundo a lenda), a respeito da vida desperta no homem um pensamento assombroso. Contudo é por meio da terrível verdade sobre o ser, que se alcança a superação metafísica a partir da cultura, tomando a existência, como representação da vida em seu único respaldo validamente coerente, ou seja, da vida como um sentido estético.

3.2. A TRAGÉDIA: O PAPEL DA REPRESENTAÇÃO NA FORMAÇÃO DO HOMEM

A sabedoria horripilante de Sileno descarrega um torpor no indivíduo existente, que é capaz de consumir-se em um só instante. Conhecedor da abissal fonte de sua angústia o homem grego, adotou uma fórmula de vida a fim de que a existência lhe fosse possível de ser vivida. Era necessário que frente à terrível da sabedoria de Sileno, fosse contraposto algo que não permitisse extinguir o existente que a detinha. Para tanto, era premente que se interpusesse ao dionisíaco, ao fervilhante ímpeto o esplendor do sonho apolíneo. Nessa confluência de apolíneo e dionisíaco é que Nietzsche encontra – afirmando a valoração de cada impulso – o respaldo da vontade de vida, sendo que o sentido só é alcançado através da arte. Esta arte, como significação metafísica da existência humana permite ao grego uma valoração consciente do sentido da vida.

Por meio do saber trágico que é a relação paradoxal do apolíneo e dionisíaco, o indivíduo formado na cultura trágica deverá ter, a exemplo do que os gregos conseguiram, a faculdade e a habilidade em exercer o poder artístico criativo. Sendo habilitado e almejando diante da vida,

transmudar esse desgosto daquilo que há de horrível e absurdo na existência em representações com a ajuda das quais a vida é tornada possível. Estas são

²⁷ Segundo nota de J. Guinsburg, Sileno era um semideus, preceptor de Dionísio. Filho de Pã ou, segundo outras versões, de Hermes e Géia, era representado como um velho careca, sempre bêbado, montado num asno ou amparado por sátiros, que acompanhava o cortejo do deus por toda parte e de cuja ebriedade falava sempre a voz mais profunda do saber e da filosofia. (GUINSBURG, In: NIETZSCHE, NT, 2007, p. 145).

o *sublime*, como dominação artística do horrível, e o *cômico*, como consolo do desgosto do absurdo (NIETZSCHE, NT, 2007, p. 53).

O homem formado nesse ideal de cultura se destaca pelos valores superiores e por estabelecer com a natureza os propósitos de uma cultura para além da necessidade cotidiana. Uma cultura que congrega para o objetivo unívoco: a vida. Cultura esta entendida, como "unidade do estilo artístico em todas as manifestações da vida de um povo" (Giacóia, 2000, p.22), e que aqui se objetiva expô-la como formação cultural que o processo educacional deve priorizar também na cultura hodierna.

A formação para o conhecimento trágico pressupõe uma determinação possível do caráter, resguardando o espaço para a livre decisão da escolha. O homem cultivado através da cultura trágica detém "a faculdade de envolver o mundo numa nova rede de ilusões", permitindo-se entrever que "a educação para o gênio consiste em tornar necessária uma rede de ilusões, por uma consideração ativa da contradição". Isto é, sabedor do conhecimento dionisíaco, ele opta pela possibilidade apolínea de não deixar-se consumir de todo pelo impulso da vontade de vida. Além disso, ele alcança o posto de guia, administrando o Véu de Maia quando necessário (NIETZSCHE, FP, 2009, p.263).

Em sentido último, ao indivíduo jamais é dado contemplar por inteiro o desvelamento. Assim, ofertar o saber existencial dentro de uma interpretação limite e condigna a realidade humana é a finalidade cabal da formação trágica. Pois,

o conhecimento não é, por outro lado, também, em relação ao ser originário, senão uma representação, uma imagem, uma potência da ilusão. [...] A ação do gênio consiste habitualmente no fato de que uma nova relação de ilusões é lançada numa massa, que pode viver nas suas malhas. Esta é a influência mágica do gênio sobre os graus subalternos (NIETZSCHE, FP, 2009, p.264).

A tese nietzscheana de uma educação pautada na cultura trágica deve contrapor-se à visão da crítica pessimista schopenhauriana, a saber, de que o sofrimento e a dor são o sentido "mais próximo e imediato" da vida humana (SCHOPENHAUER, 1997, p.277). Uma estirpe heróica, aos moldes dos semideuses gregos, é a intenção da proposta nietzscheana para de uma cultura trágica. Não distante dela, pode-se dizer que é o que deveria ser buscado em qualquer cultura. Ou

seja, almejar formar homens corajosos, que a despeito da insignificância cabal da vida humana diante o cosmo universal, ainda se permite lutar pela vida em sua real significação. Partindo do pressuposto papel que a natureza delega ao homem, o indivíduo bem formado na cultura trágica é o gênio que dá sentido e promove o existir digno de humanidade.

Com isso, permite-se aqui vislumbrar, por meio da conjectura nietzscheana, o indivíduo formado e detentor da sabedoria de Sileno:

Imaginemos uma geração a crescer com esse destemor do olhar, com esse heróico pendor para o descomunal, imaginemos o passo arrojado desses matadores de dragões, a orgulhosa temeridade com que dão as costas a todas as doutrinas da fraqueza pregadas pelo otimismo, a fim de viver resolutamente na completude e na plenitude (NIETZSCHE, NT, 2007, p.109).

Giacóia (2000) apresenta a tradução de um fragmento póstumo que traz a conceituação de cultura para Nietzsche: “cultura é apenas uma delgada pelinha de maçã sobre um caos incandescente²⁸”. No entanto, segundo o comentador “a aposta fundamental no jogo da cultura sempre consistiu, e consiste ainda, na organização do caos, na sublimação das forças vulcânicas que se agitam no interior do homem” (GIOCÓIA, 2000, p.40).

3.3. O RETRATO DA VIDA: O ESPETÁCULO

Tendo por intenção o cultivo do que melhor a natureza almeja, a cultura verdadeira busca um sentido para suas forças cósmicas. Isto é, por meio do cultivo do que há de mais autêntico a cultura trágica entende que “é um pesado castigo viver como um animal, submetido à fome e ao desejo, e, além disso, não alcançar a menor consciência quanto a esta vida” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, p. 206).

²⁸ Cf. NF= KGWB/NF-1883, 9 [48] Retirado do site: [http://www.nietzschesource.org/texts/eKGWB/NF-1883,9\[48\]](http://www.nietzschesource.org/texts/eKGWB/NF-1883,9[48]). Acesso em 20-10-2010.

Problematizando a existência inconsciente, presente na maioria dos homens, entende-se aqui o quanto se faz necessária o cultivo da cultura autêntica, que para além da formação de subsistência (educar para funções remuneradas) tal qual é a cultura hodierna; propõe um sentido existencial que possa direcionar o homem a encontrar ou compor uma existência digna do humano. Tendo por mediação a cultura trágica, Nietzsche não se restringirá a propor uma valoração humana para significar a existência; mas sim, a partir de Zaratustra²⁹, uma valoração e sentido existencial supra-humanos.

Da parcela, estritamente animal da existência, o homem realiza-se e nela permanece quando submetido ao princípio de individuação, buscando tão somente conservar seu estado existente atual. Assim, o indivíduo deseja e realiza a vontade de vida com um impulso obtuso e não se pergunta o porquê de sua existência. Falta a tal sujeito (sujeitado pela vontade³⁰) aquilo que é inerente ao “homem de propensão filosófica” que entende, por uma espécie de premonição, que sob a realidade na qual vive e se manifesta existe tão somente enquanto aparência – obra da divindade apolínea (NIETZSCHE, NT, 2007, p. 25).

Detentora do conhecimento apenas no sentido apolíneo, a cultura vigente que é otimista e embelezadora, não se porta, enquanto causa primeira, diferente “do animal de rapina, perseguido no deserto pelo mais corrosivo dos tormentos, raramente satisfeito e só desfrutando de uma satisfação que logo se torna dor” (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.206). Tal modelo formativo não se preocupa em revelar luminosamente ao obscuro mistério que cerca a vida; pelo contrário, aqui busca cegar ou fazer adormecer quem está prestes a despertar. Nisso, a cultura atual, bem como aquela da época que Nietzsche, representa diretamente o ideal de formação que, por não despertar o indivíduo para a propensão filosófica, acaba por formar sujeitos amantes

²⁹ Cf. NIETZSCHE, ZA, 2010, p.22.

³⁰ Vontade em sentido schopenhauriano, isto é, como fundo primitivo de tudo o que existe, utiliza todos os fenômenos (os existentes) como meios (objetos) de sua realização eternamente faminta. Nietzsche toma essa vontade, quase que constantemente como “vontade de vida”, o que permite entender-se aqui, também como aquele Uno-Primordial já citado.

irracionais da vontade de viver, desprovida de qualquer sentido racionalmente coerente com a realidade última do mundo. Pode-se dizer que, ao

desejar a vida com esta cegueira, com esta loucura, desejá-la sem outra ambição, longe de saber que se é assim punido e porque se é, mas ao contrário na estupidez de um terrível desejo, aspirar este castigo como sendo uma felicidade – isto é ser animal (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.206-207).

O retrato da vida é para Nietzsche, se é assim permitido entender, a subjetividade submetida ao princípio de razão na sentença de Schopenhauer: “O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p.43). O que motiva a interpretação nietzscheana, e que aqui vale como fonte pedagógica da cultura trágica, encontra uma raiz mais profunda nessa necessidade de representar. Isto é, decorrente do real valor da existência para o homem e representa aqui, no pior dos mundos possíveis, um espetáculo de qualidade proporcional a sua inteligência e a sua genialidade. O fundamento da cultura trágica que aqui se consolida é existencial, uma vez que é

este mundo, campo de carnificina onde entes ansiosos e atormentados vivem devorando-se uns aos outros, [...] passa a vida numa longa série de martírios; onde a capacidade de sofrer aumenta na proporção da inteligência, e atinge portanto no homem o mais elevado grau (SCHOPENHAUER, 1960, p.26).

Há um esforço da natureza para com o homem. Asseverando isto, ao entender que para Nietzsche, existe um anseio, uma aposta da natureza em livrar-se “da maldição da vida animal” por meio do homem. Para que, através da humanidade “a existência coloque diante de si mesma um espelho, no fundo do qual a vida não se apresente mais absurda, mas, ao contrário, na sua significação metafísica” (Nietzsche, Co. Ext. III, 2009, p.207). O homem capaz de representar este sentido frente à natureza é, e só pode ser enquanto aperfeiçoamento daquilo que é natural, obra de uma formação, educado por meio da cultura trágica. Assim é o homem por excelência, que aqui se verifica a partir do postulado nietzscheano sobre o que seria a verdadeira cultura.

A natureza engendra a espécie humana dotando-a de uma visão do todo. Voltada para este propósito à educação que visa o melhor (o gênio) é a aristocrática, no sentido do objetivo que tenciona. Propor e obter o conhecimento trágico do mundo, por

certo, será um método de seleção dos espíritos mais fortes, os homens heróicos, em detrimento dos meros reprodutores do cotidiano que são formados pela cultura hodierna, a exemplo do que havia criticado Nietzsche.

Se verifica aqui, como resolução de uma proposta trágica, que os homens comuns submetem-se ao poder do gênio, a moral do santo e técnica do artista naturalmente, devido a formação que lhes é inculcada (NIETZSCHE, Co. Ext. III, 2009, p.184). O fato é que, aqueles de visão mais estendida, e que tomam o todo existencial em seu fundo trágico real, tem por responsabilidade indicar uma trilha por onde deve caminhar toda a humanidade cultivada. Responsabilidade essa remetida diretamente ao gênio educador.

4. A CULTURA DO GÊNIO EDUCADOR

Na acepção de uma educação aristocrática, Nietzsche propõe uma formação que não vise à mediocridade do homem comum, mas sim uma formação voltada para um tipo excelente, a saber, um homem ideal. Aquele que por natureza é capaz de elevar a condição humana àquela aspiração criativa de uma natureza (*physis*) que almeja ser compreendida.

A formação do gênio é a pedra de toque das postulações nietzscheanas sobre a educação. Segundo Giacóia (2000), nos primeiros escritos Nietzsche adota a acepção do pessimismo schopenhauriano e da filosofia da arte de Wagner como noções norteadoras para compor o caráter do homem a ser formado, um homem do tipo excelente. São influências notórias no pensamento nietzschiano (GIACÓIA, 2000, p.15-16). No entanto, percebe-se na tese de formação do gênio uma aspiração do que depois virá a ser, em **Zaratustra**³¹, o conceito de *além-do-homem* [*Übermensch*], termo que irá se fixar como um dos pilares da filosofia de Nietzsche.

Neste capítulo buscou-se circunscrever os aspectos necessários para compor a formação do educador, por meio do ideal educativo de Nietzsche, que visa propor uma formação que cultive o homem em sua magnitude. A partir destas considerações se pretende refletir sobre a possibilidade da formação do educador superar a cultura deste princípio de século XXI.

Assim, será necessário compreender que o gênio educador proposto por Nietzsche é o sujeito portador de um caráter formado por diversos aspectos. Ao descrever o educador idealizado por Nietzsche, mostrar-se-á um único ser dotado de múltiplas qualidades, denominado como “unicidade produtiva” (2009, Co. Ext. III, p. 186). Com este conceito, quer-se afirmar que o educador é singular, porém necessita gerar a partir de si um plano (envoltório) capaz de representar dignamente e aperfeiçoar a existência, sua própria e a de toda a realidade.

O educador que se pretende descrever, a partir do referencial nietzscheano, será o modelo de homem que deveria ser cultivado em qualquer processo formativo. Isto é,

³¹ **Assim Falava Zaratustra** (ZA) com tradução e notas de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2010.

aquela unicidade produtiva, que terá de ser dotada de um destino solitário, afim de poder refletir os seus atos e os alheios, longe do turbilhão da vida social. Ao tal gênio educador pretendido é imprescindível um impetuoso sentimento pela verdade, bem como um vigor intelectual e moral a fim de engendrar a completude no todo coeso que deve ser o indivíduo formado por uma cultura priorize o gênio (NIETZSCHE, CP, 2007, p. 8).

4.1. UMA UNICIDADE PRODUTIVA

A composição necessária para engendrar o gênio, tal qual Schopenhauer representa para Nietzsche, requer, como imprescindível, o “isolamento” deste homem em relação a sua época e tudo aquilo que esta concebe como cultura. O “desespero da verdade” é tido por Nietzsche, como necessário para a ocorrência do gênio, e ainda, o indivíduo genial carece de um “sentimento de pecado, aspira à santidade, leva consigo, enquanto ser intelectual, uma aspiração profunda pela genialidade” (Nietzsche, 2009, 184p.).

O gênio, qual é postulado nas asserções nietzscheanas, constitui-se de todos estas nuances, que se descrevem como perigos. Tratam-se de qualidades necessárias que estruturam, bem aplicadas, funcionalmente como amalgama das forças criadoras que estão a lutar dentro dele o transformam em educador. Isto é, mesmo enquanto perigo, são faculdades que por suas forças antagônicas para com o espírito de sua época, por isso, segundo Nietzsche, são capazes de gerar o gênio educador.

Por meio de Nietzsche, pretende-se apresentar aqui, que estas forças específicas também podem ser fomentadas e desenvolvidas na atualidade do presente século. Entendendo-se que elas têm o que é mais proveitoso em favor do homem, a saber, formar um homem integralmente para exercício de sua humanidade.

Para a realização desta tarefa faz-se necessário um estranhamento para consigo mesmo, “incluir no interior do próprio olhar um olhar estranho” o cerne desta unicidade produtiva (Nietzsche, 2003, Co. Ext. II, p.11). Nesta perspectiva, o gênio educador é aquele que não somente analisa a história do passado e ruma o presente; todavia é aquele que promove, a partir da nostalgia salutar do passado grandioso, a visão futura que condiz com o grande homem. Trata-se de utilizar da história em favor da vida³².

O sublime da “unicidade produtiva”, na perspectiva educativa trágica, dá-se, segundo Nietzsche (2009, Co. Ext. III), quando há consciência por parte daquele que vê o quão magnífica é esta obra da natureza: o ser humano. Dotado de uma visão holística que lhe é própria, o educador consegue re-significar seus valores e engendrar novos horizontes a fim de que possa aí elevar-se. Entende-se aqui, que o gênio educador deva ser acometido por um estranhamento de si e posteriormente à uma auto-descoberta crítica, que lhe possibilita elevar-se a um horizonte mais amplo na perspectiva de sua humanidade. Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p.184) expõe que isto, só pode acontecer em primeira instância, com o indivíduo. Ou seja, ele atinge em si o sentido de existir, para depois poder guiar os demais a buscarem o novo ideal de homem.

Para Nietzsche, só existe uma maneira de tornar a existência digna, que é promover o mais extraordinário por excelência. Almeja-se apresentar aqui que as prerrogativas para a formação do gênio se aplicariam também na formação do educador hodierno, se o objetivo da cultura hodierna fosse o de formar homem integralmente. Torna-se possível tal assertiva, ao constar-se que uma cultura que ensine que

o estado de espírito que é preciso implantar e cultivar num jovem é aquele que ele se compreenda a si mesmo sobretudo como uma obra carente da natureza, mas ao mesmo tempo como um testemunho das intenções maiores e mais maravilhosas desta artista [...]. Com este desígnio, ele se coloca na esfera da cultura (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p. 214).

³² Cf. NIETZSCHE, Co. Ext. II, p. 19. Nietzsche em sua **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e da desvantagem para a vida**, propõe – como o próprio título sugere abordagens para a história – em que caso a história é favorável à vida e, por isso, promove a verdadeira cultura e seu ideal. De outra maneira, a história pode ser empecilho à vida, quando tomada como mero saber e conservadorismo da cultura vigente de um tempo.

Somente moldando a unicidade produtiva que impera na sua força devastadora e criadora o educador, de personalidade genial, dá cabo de sua tarefa para com a cultura autêntica: esta cultura que educa para o nascimento do gênio (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p.185). Com base neste propósito, propõe-se aqui, num primeiro aspecto, que a cultura do séc. XXI deveria passar a cultivar o indivíduo a trabalhar a si próprio em favor do homem porvir, ou seja, que possa contribuir com a educação que favoreça o desenvolver da genialidade em sua luta em favor da verdade e da justiça.

4.1.1. Um destino de solidão

Para Nietzsche (2009, Co. Ext. III), a solidão é imprescindível na constituição do gênio enquanto educador. O isolamento requer uma predisposição do olhar de estranheza para com o cotidiano repetitivo, olhar esse que deve ser educado para não se deixar levar pela compulsão languida da massa que tudo torna normal. O ímpeto do gênio educador leva-o a procurar estranhar-se a si próprio diante do contato íntimo consigo mesmo, enquanto parte ainda inexplorada e, reconhecer a mesma perspectiva sombria em tudo que o cerca, para num momento de superação lançar um pouco de luz sobre as nuances obscuras do ser.

Oliveira (2010) especifica que a solidão é um conceito de primeira ordem na complexa cadeia deste pensador de problemas. Ao apontar a solidão como virtude moral na obra nietzscheana, a tese de Oliveira (2010), tem como referência de ordem cronológica dos escritos nietzscheanos, a partir de **Assim Falou Zaratustra**, ele analisa o tema solidão propondo-se refletir o sentido do conceito e da indispensável condição da solidão, na formação do gênio educador. Todavia, aqui é exposto que tal problemática se evidencia nos primeiros escritos nietzscheanos, por meio da crítica à cultura vigente, expondo a necessidade do isolamento do gênio. Pois, Nietzsche ressalta que a cultura do comércio forma para o agir massificador da padronização, “chega mesmo a odiar toda cultura que torne solitário” (NIETZSCHE, 2009, EE, p. 73).

A solidão, no senso comum, é vista como negativa, por se tratar de um elemento que segue na contramão da formação conformadora e defensora do mínimo alcançável pelo humano. Isto é, a solidão é entendida como negativa (pelos homens que não almejam o gênio educador), por ser uma resistência ao cultivo do homem uniformizado, padronizado; aquele conformado ao mínimo.

Nada que escape ao padrão mediano é tolerado sem ressalvas. Se na formação cultural, nos dias de hoje, bem como, no tempo de Nietzsche, imperam os valores da coletividade e do maior número, todo o indivíduo deve corresponder a esta “coletividade gregária³³” (OLIVEIRA, 2010, p.20), sendo que quem ‘erroneamente’ não vê dessa forma, deve ser re-educado para ver e viver em bando, segundo o que se acredita como civilizado na cultura massificadora.

Todavia, o isolamento do gênio é “critério de auto-formação em que cada indivíduo se descobre como artista de si mesmo” (OLIVEIRA, J., 2010 p.28). Na potência criadora inerente ao melhor dos homens, ficar isolado é pertinente a quem deseja um olhar mais profundo sobre a realidade. A noção primeira dessa espécie de solidão visa um relacionar-se interno e depurado de qualquer máscara social, posteriormente culminando na redefinição da meta de ser um homem melhor.

Depurar-se dos preconceitos sociais entranhados pela educação normativa é o primeiro dos benefícios da solidão do gênio educador. Neste contato consigo próprio forma-se um reduto de sanidade, a qual propicia condições de cura e ao mesmo tempo promove a dieta nutritiva para o desenvolvimento ideal do homem. Isto porque,

a solidão está associada à capacidade de se ‘resguardar’ do sentimento de ‘desprezo aos homens’, que inevitavelmente envolve a vida no rebanho, como essencialmente niilista, negadora e desprezadora da vida e do homem (OLIVEIRA, J., 2010, p.111).

O gênio educador que prima pela expansão da vida a sua máxima capacidade, estimula-se ao viver para além da convenção vulgar de reunir-se. Há necessidade de

³³ Toma-se por este termo a total despersonalização do indivíduo, ou seja, não há espaço para o pensar e agir por si mesmo. Tudo o que é almejado e realizado tem por determinação os interesses coletivos, que na maioria das vezes são de uma pequena parcela da coletividade. Assim, a exemplo de animais em bando a maioria dos homens é conduzida por interesses que não condizem com o anseio pessoal, mas sim, em função do objetivo de outros homens.

estar junto à humanidade não o abandona na solidão, porém, o sofrimento acarretado pelo amor ao melhor dos homens mostra-se uma catapulta que impele seus anseios para um horizonte mais distante. Mesmo sofrendo, por saber do desperdício da vida da maioria dos homens, em sua “fortaleza da solidão”, o caráter genial vislumbra e promove o humano um pouco mais em direção a meta da idéia de humanidade (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p.180).

Tal como uma crisálida, que não detém em si mesma a razão de existir, a solidão mantém o vir a ser no mundo. Isto é, alimenta e protege o ser do gênio educador por um período de tempo. No entanto, a natureza lhe conclama: “Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas” (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p.162). Assim, guardada a suma importância da solidão, ela só encontra correspondência com a vida a ser promovida, quando promove esse novo fenômeno humano metamorfoseado em algo para além do comum, que a partir do resguardo solitário, surge o despertar do gênio que educa.

Imprescindível ao caráter genial do educador, a solidão constitui-se exatamente um perigo para a estrutura interna do gênio que deve educar, porque o embate incessante é regra interna e externa a estes homens solitários que verdadeiramente educam, tal qual Schopenhauer.

Contrário a coletividade gregária, a postura do cultivo de si, tendo a solidão como valor, estipula o amor próprio como alicerce estruturante do gênio educador. A riqueza interna, superando as misérias e imperfeições, é mote que lança luz sobre a necessidade do conhecer-se e o dominar a própria vida. Trata-se de saber das destrezas que o indivíduo possui e também de seus limites, desta forma os limites podem ser vencidos e as habilidades aguçadas.

Vasculhar e confronta-se com o terrível mundo interno das limitações humanas apenas poucos resistem. A predisposição natural para esta batalha solitária requer uma qualidade e disciplina infável da natureza a ser testada; pois, o gênio educador sem nenhuma garantia de vitória, se lança esperançoso e deseja viver a vida plena, em todos os seus obstáculos e perigos. Todavia, não garante o êxito da ação. Sob esta

tensão do existir, Nietzsche (2009, p.181) disserta: “sempre há um semideus que suporta viver em condições tão terríveis, e viver vitoriosamente”, Schopenhauer como modelo de gênio que educa se inscreve nessa espécie de raça heróica³⁴.

Legado de poucos abastados, a solidão cultivada é o ensejo em lidar com os monstros indóceis e devoradores de todo homem: as dúvidas a cerca da vida. O gênio educador exige para sua formação, um refúgio solitário no qual possa sondar-se e propor a si próprio, modos sempre mais humanos de ser; já o homem comum “assíduo em seus afazeres e ou em seus estudos para fugir das questões que o assaltariam na solidão” (NIETZSCHE, 2008, p. 63), não são formados a permitirem-se ficar só.

Conicionados pela cultura contemporânea o indivíduo detém o pensamento e a postura sujeitos à coletividade homogênea, exaltando os valores de grupo em detrimento ao indivíduo singular. Segundo Oliveira (2010), “na filosofia de Nietzsche, a solidão se apresenta com uma chave de leitura” do processo que faz com que o indivíduo desponte como foco central de interesse e concentração na vida humana. Para tanto, estar consigo mesmo é o primo mote para despertar para essa realidade, que “está ligada ao desengajamento de Nietzsche em relação à moral vigente, entendida por ele como detentora do brasão da igualdade e da gregariedade” (2010, p.13).

Dessa forma, longe da cultura que atualmente forma uma massa regulada pela média comum, a formação do gênio educador tem em seus perigos necessários a solidão como critério de auto-formação. Uma determinação em formar-se para o melhor dos homens, “daquela força que um gênio não emprega em obras, mas em si como obra, isto é, na sua própria domaçoão, na depuração de sua fantasia, na escolha e ordenaçoão do afluxo de tarefas e idéias³⁵” (NIETZSCHE, 2008, AA, p. 273).

³⁴ Retendo-se aqui aquele sentido de “matadores de dragões” exposto acima, isto é, indivíduos aguçados em coragem e destreza para encarar e vencerem as adversidades que a existência propõe. Do mesmo modo o termo “semideus”, tirado por Nietzsche a partir de sua predileção pela religião natural grega, refere-se aos filhos dos deuses com humanos (os heróis) que serviam de modelo de virtude aos homens e os induziam a imitação de suas ações, inspirando os homens para agirem de forma heróica.

³⁵ NIETZSCHE, F. **Aurora**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Vencido o perigo da solidão como melancolia e descrédito por aquilo que é o homem em suas misérias e limites, a benesse que este isolamento se credita são os próprios valores e horizontes há serem firmados e colhidos.

Neste aspecto, contra a cultura de massa que em pleno séc. XXI apresenta-se no modelo educacional, e que a muito vem sendo criticada, a conjectura proposta (a partir do referencial nietzscheano) é o de uma cultura diferente. Seria plausível recorrer, a uma formação cultural que não tenha por objetivo final somente a formação de um operário. Quer-se refletir aqui um modelo formativo cabível a sociedade pós-moderna, que almeje cultivar o indivíduo pleno, desejoso em dar sentido a sua existência, por meio do processo de reflexão, o entendimento da realidade, em seu mais profundo alcance. Como ponto basilar deste ideal formativo, torna-se premente, na composição da unicidade produtiva que é o gênio educador, o aspecto da solidão que “desvenda o processo barbarizante da civilização que faz de cada um uma função” (OLIVEIRA, 2010, p.31).

Contemplando o horizonte, tal qual somente a altivez do gênio educador é capaz – para além do comum dos homens – este indivíduo cultivado é dotado de um projetar-se a si mesmo que traz consigo a possibilidade de angariar para o mesmo destino outros iguais. A formação almejada aqui, a partir das postulações de Nietzsche, refere-se a uma cultura porvir: do futuro é a passagem do último-homem (o homem de hoje) para o além-do-homem³⁶: o que se apresenta, diante de uma conduta autônoma e promotora de si mesmo, primeiramente numa aceitação de si, para logo projetar-se para além do que é hoje. Não na segurança do melhor, mas sim, na confiança em si, na auto-afirmação de si perante os desafios que o futuro desconhecido trará consigo. O isolamento do gênio, na cultura autêntica surge como caminho para obter um tipo de homem mais forte.

³⁶ Cf. NIETZSCHE, F. **Assim Falava Zaratustra**. p.22.

4.1.2. Sentido de verdade

Na coleção de textos dos **Cinco Prefácios para cinco livros não escritos**, Nietzsche (2007, CP, p.11) expõe a concepção da verdade, que posteriormente seria desenvolvida em sua obra inacabada: **Sobre a Verdade e mentira no sentido extra-moral** (1873). Para ele, a verdade trata-se de um sentido válido para um conjunto de valores que são instituídos às coisas; isto porque em si mesmas as coisas independem do senso a elas aplicados. Todavia, no teatro da organização social existem convenções (acordos), em torno da qual a maioria aplica os mesmos valores (sentido) para um determinado objeto, creditando assim, um valor único para uma vasta diversidade de coisas (NIETZSCHE, 1996, p.56).

Do segundo perigo necessário que decorre na constituição do gênio educador é o que Nietzsche denomina: “desespero da verdade”. Expõe-se aqui, segundo observa Süsskind, que, o filósofo toma por **pathos da verdade**, uma espécie de joguete com o termo, isto é, podendo indicar com ele tanto a procura, o “amor pela verdade” por parte dos filósofos, quanto um questionamento da própria verdade e de seus fundamentos. Decorre disto, que o conhecimento considerado verdadeiro não passa de uma sensação, de uma disposição, de uma aparência (SÜSSEKIND *in*: NIETZSCHE, CP, 2007, p.4).

Sendo necessária a cultura que pretende formar o gênio educador, o *pathos* da verdade é elemento, para Nietzsche, que compõe o caráter genial. No entanto, consiste num perigo ao qual Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p. 181) faz referência: “**o desespero da verdade**” acompanha todo aquele que principia seu pensar tomando por contato a filosofia de Kant, pois para este filósofo a coisa em si não se dá a conhecer. Trata-se de um risco, pois é difícil estabelecer o que representa a verdade para o suposto gênio educador, aquele do erudito, servidor da cultura da ciência.

Se na cultura a engendrar o gênio educador o sentido da verdade propõe uma nova perspectiva para a vida, a servidão à verdade traz a negação da existência autêntica do melhor dos homens. Se aceita esta asserção, o sentido de verdade, da

qual a **Terceira Intempestiva** se encarrega de prescrever ao gênio, é aquele capaz de formar o educador que em seu cultivar, propicie sempre a sabedoria comprometida ao viver, em suas vicissitudes e perspicácias, longe do pretenso sentimento de domínio absoluto científico a cerca da verdade.

Segundo Nietzsche,

a “verdade”, da qual nossos professores tanto falam, parece ser seguramente uma coisa bem mais modesta, da qual não se deve recear nada de desordenado ou excêntrico [...] e aí temos exatamente o exemplo do homem Schopenhauer (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p. 177).

A capacidade criadora é que cerca o sentido de verdade. Diante da convenção dos valores das coisas, que permite garantir alguns parâmetros para vivência, o gênio educador se lança como ponte de um momento histórico. Pois, se a verdade é a construção – invenção – em prol da vida, na medida em que o gênio educador incumbe-se de projetar as ilusões de afirmação da vida, ele transcende os limites impostos por uma teia aglutinadora e lança para além uma nova rede de ilusões que se destina, como promotora da vida - a servir de inspiração ao ser do homem.

Dotado da sabedoria dionisíaca, o gênio educador, credita-se artífice de horizontes. Não se trata de estipular o gênio como meta, porém, sim de arquitetar uma formação capaz de elaborar o melhor dos homens, aquele, qual acredita-se habilitado a conduzir o humano, rumo ao ainda inalcançado, ou ainda não visualizado.

Cabe, mais uma vez a interpretação que Nietzsche faz com relação à Grécia antiga.

O julgamento dos antigos filósofos gregos sobre o valor da existência diz a respeito desta mais do que pode fazê-lo um julgamento moderno, porque eles tinham sob os olhos e em torno deles a própria vida numa luxuriante perfeição e porque, neles, o sentimento do pensador não se extraviava, tal como ocorre conosco, no conflito entre o desejo de liberdade, beleza e grandeza da vida e o instinto de verdade que somente pergunta: Qual é então o valor da vida em geral? (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p. 188).

Frente a essa instigante questão, o sentimento da verdade que pertencente ao gênio, tal qual Schopenhauer é exemplo, gera uma conduta única e sempre mais particular do indivíduo que afirma constantemente que esta vida deve ser justificada. Nesta perspectiva, na postura de crença na verdade, que se apresenta como sincera

percepção da vida, se distingue o homem do *pathos* da verdade, daquela maioria que é iludida. Assim,

ser verídico significa crer numa existência que não poderia absolutamente ser negada, crer numa existência que é ela própria verdadeira e sem mentira. É por isso que o homem verídico sente que sua atividade tem um sentido metafísico, explicável segundo as leis de uma vida superior e distinta (Ibidem, p. 200).

Importante é notar que o sentido da verdade, provindo do *pathos* organizador, apresenta-se em Nietzsche, indispensável ao gênio educador. Desta assertiva, Nietzsche (2009, Co. Ext. III), postula o entendido como uma compaixão do indivíduo. Reafirma-se aqui a responsabilidade ímpar do educador, se entender-se que: nada há de louvável numa ilusão que dispense, ainda que se proclame digna do sentimento de verdade, se nela não se verifica aquela compaixão do indivíduo para com a sorte dos demais. É por isso que no despertar do gênio educador, além do halo do extraordinário, insurge também uma série de deveres magnânimos a equiparar a força do gênio desperto.

A hierarquia que estipula o melhor dos homens, o constitui por sua força de conduta frente a este sentimento de verdade, que o promove com a responsabilidade para consigo mesmo. Não há em Nietzsche, segundo aqui entende-se, um exclusivismo do indivíduo em detrimento do todo, mas sim uma reinterpretação da complexidade da existência. E, a partir dessa reinterpretação nietzscheana do papel do gênio, é que se pretende inserir as bases para uma educação que tenha como foco a formação do educador enquanto gênio. Desta feita, torna-se plausível refletir a reforma de pensamento da cultura atual para uma cultura que promova o ideal do homem superior, cultivado por meio dos pressupostos que aqui se verificam possíveis e que formam a unicidade produtiva do gênio.

Na formação do gênio pretendido pela cultura autêntica, a verdade criada e recriada se valora pela pertinência da autenticidade da existência, ou seja, o quão verídica é esta vida. As imagens modelos (intelectual e moral) em Nietzsche (2009, Co. Ext. III) propostas como gênio e santo, intentam aguçar o educador à formar o espírito jovem no exercício inesgotável da formação de si mesmo. Inesgotável, enquanto busca de superação de si.

Para tanto, torna-se premente refletir a definição da verdade³⁷ em Nietzsche; em busca de compreender-se como a formação engendra no gênio educador a capacidade de promover novos valores da vida. Verifica-se aqui então, que se na maioria dos homens impera o esquecimento sobre a convenção a cerca dos valores da verdade; ao educador cabe policiar a regravar valores que promovem a vida ou degradam-na.

Formado diante da perspectiva onírica que engendra a arte, o gênio educador, ao estimular a si próprio mediante a proposta de um novo horizonte, provoca e direciona a vida em seu entorno. No papel de criativo, o gênio educador promove em si e para além, um conjunto de noções norteadoras que tipificam o que é de fato condizente a imagem de homem que é digna de ser buscada. Se verificar-se a pertinência destas postulações; pode-se dizer que, por meio da atitude afirmativa, aquele homem ideal a ser alcançado, não é somente negação da condição atual, formada por uma cultura deturpada. No entanto, é mesmo a imagem do gênio educador que é plenamente cômico de seu valor.

Na capacidade de postular a verdade no tipo de homem a ser formado na educação, Nietzsche aponta que se devem motivar os valores humanos dignos de serem exaltados. Ainda que o primeiro aspecto da filosofia nietzscheana seja o de diagnosticar e criticar a verdade da cultura de seu tempo, como sendo a de uma doutrina do esquecimento sobre a conveniência de qual verdade deveria ser mantida; sob outro aspecto, pode-se entender a necessidade de verdades como guias conduzindo e cercando cada vez mais próximo o tipo de homem ideal para a cultura autêntica.

³⁷ “O que é a verdade, portanto? Uma batalhão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: **as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são**”(NIETZSCHE, 1996, p.57).

4.1.3. Vigor intelectual e moral

Parte integrante da unicidade produtiva, qual Nietzsche afirma como necessário composto à efetivação da genialidade do educador remete-se ao vigor intelectual e moral, que corresponde ao terceiro perigo do caráter deste homem genial. Tal composto, engendrado pela capacidade do intelecto genial, cabe mais propriamente como um fruto que decorre da habilidade e do poder do intelecto. Não se trata, segundo aqui se entende, de sobrepor o poder da inteligência na afirmação da razão, como uma espécie de racionalismo. De maneira alguma se encontra esta noção em Nietzsche. Porém, a de ressaltar o papel crucial que o indivíduo, em sua inteligência criadora, apresenta a si próprio e ao mundo.

Somado à essa força intelectual encontra-se no indivíduo, o detentor do caráter de gênio educador, o anseio pela realização da vontade moral dentro de si mesmo. Segundo prescreve Nietzsche (2009, Co. Ext. III, p.184), dar cabo dos propósitos erigidos por si mesmo, pelos próprios valores adotados é a ordem desse vigor moral, tão necessário à formação do educador. O perigo para indivíduo a ser cultivado por meio desta pujança intelectual e moral, revela-se diante do curso da própria natureza, isto é, todo indivíduo encontra em si um limite de sua capacidade intelectual e de sua vontade moral.

Para Nietzsche (1996, p.59), o intelecto é um poderoso inventor. Quanto ao papel de negação que cumpre no homem comum, isto é, evita a dor angustiante que toda vida carrega, o intelecto projeta conceitos elucidativos e agregadores, a fim de manter o envoltório da vida coeso e dominado. No entanto, no gênio educador que Nietzsche denomina homem intuitivo (Ibidem, p.60), entende-se que o poder intelectual extravasa os limites e propõe, não mais um envoltório que compreende a vida, mas sim, um destino que se impõe exigindo mais do homem.

No homem comum é estipulada uma valoração da inteligência e das decisões éticas como garantia de permanência e conservação da vida. Todavia, o que Nietzsche destaca como imprescindível à personalidade do educador é “a nostalgia do homem

que quer renascer como santo e como gênio” (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p.184). Trata-se aqui, do sentimento produtivo de promoção da vida, na superação do estado atual do sentimento de que resta ainda algo por fazer. E não somente aquela disposição de conservação do homem comum.

O vigor moral, expresso como uma vontade de ser do gênio educador, é a outra face da moeda que tem o caráter intelectual do gênio. Ambos – vigor moral e intelectual – formando o terceiro perigo necessário que deve compor a personalidade do homem a ser formado pela verdadeira cultura. A semente dessa formação deve estar presente no homem genial que se sabendo limitado, almeja ir além de si.

Dentro das definições limítrofes que a cultura atual impõe ao homem, que cada vez mais não está disposto a ir para além do necessário, reforça-se a perspectiva de que ser inteligente e bom é desejar manter a ordem das coisas. Contraopondo-se a predisposição conservadora, que delimita o vigor moral e intelectual do potencial humano, apresenta-se aqui a concepção da educação trágica, capaz de formar o gênio.

O educador, que é capaz de propor a si um novo horizonte e, assim servir como modelo e seta aos demais homens, detém a força do gênio criativo e a disposição do santo em elevar a vida numa condição de exuberância. Não há por parte do gênio e do santo, a condição de satisfação com o seu estado atual. Há sim, uma disciplina em lançar-se a si mesmo para um destino além do estabelecido. Enquanto criador e modelo, o educador “gênio aspira cada vez mais à santidade que, a partir de seu posto de observação, viu mais longe e mais claro do que qualquer homem, lá onde o conhecimento e o ser se reconciliam” (NIETZSCHE, 2009, Co. Ext. III, p. 185).

Enquanto gênio, o educador detentor do vigor intelectual e moral, propõe a si mesmo uma responsabilidade que impera como destino a ser construído. Tal homem acredita ter poder de vivenciar a vida em sua plena exuberância, partindo da convicção de que o hoje é a ponte que deve percorrer para ir para além de si. A formação constituída por tal educador tem por premissa o cultivo do “homem magnífico e criador (que) deve responder a seguinte questão: ‘No mais profundo do teu coração, dizes sim a esta existência? Ela te é suficiente? Queres tu mesmo ser seu porta-voz, seu

redentor?” Tal vigor intelectual e moral, Nietzsche credits a Schopenhauer que, por meio da “nostalgia de uma natureza forte, de uma humanidade simples e sã, era nele uma nostalgia de si mesmo. E já que tinha vencido o tempo em si próprio, lhe foi preciso também, com um olho admirado, perceber em si o gênio” (2009, Co. Ext. III, p.190).

Esta capacidade do intelecto de engendrar novos mundos (metáfora de formas de ser no mundo) e a força em querer afirmá-los é o que se entende, em Nietzsche, como sendo um “impulso, fundamental do homem, que não se pode deixar de levar em conta nem por um instante, porque com isso o homem mesmo não seria levado em conta” (1996, p.58). Entende-se aqui, que para Nietzsche, é parte da natureza do gênio educador o despertar para a criação, pois ela é a ponte para o além-do-homem.

O caminho formativo do educador a ser cultivado, angaria a força motriz expressa na **Visão Dionisíaca do Mundo**, obra que Nietzsche (2005, p.21) projeta a arte como uma habilidade presente em toda humanidade. Desta faculdade artística criadora e da postura decisiva em direcioná-la para formar o melhor dos homens, sobreleva-se a decisão em educar o homem para a compreensão e promoção da vida em seus multiformes sentidos. Mas, sobretudo para vivenciar e promover aquilo que a existência tem de sublime.

A superação de si mesmo no homem, não pode simplesmente ser a negação constante dos valores hodiernos numa postura niilista intransigente; todavia, cabe interpretar que o ser homem formado mediante a educação trágica, enquanto ser cultivado que se contrapõe às concepções intelectuais e morais que se destinam a mera conservação da existência. Pois, cabe ao homem não uma mera conservação do existir, mas, entende-se a partir de Nietzsche que trata-se aqui de almejar uma superação constante dos limites humanos e de transpor a linha existencial, em favor de uma melhor representação da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo o caráter reflexivo das postulações e conjecturas que o pensamento nietzscheano propõe sobre a formação educacional, querer apresentar de modo fechado uma definição de cultura em Nietzsche, seria ingenuidade ou mesmo, uma presunção obtusa. Todavia, a partir da análise da filosofia nietzscheana em seus primeiros escritos, peculiarmente, na **Terceira Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador**, torna-se possível e mesmo viável percorrer o itinerário pedagógico que este filósofo aponta, tendo por objetivo galgar um passo em frente, e promover a reflexão sobre uma forma adequada de se educar o homem.

Ao adotar Arthur Schopenhauer como o modelo de homem a ser engendrado por meio daquilo que entendeu como cultura verdadeira, é possível que Nietzsche tenha (segundo o que aqui se acredita) utilizado um modelo entre tantos outros possíveis. A ilustração que a figura schopenhauriana oferece, repousa na idéia de intempestividade. Tal possibilidade de interpretação dá-se a partir da análise sobre a **Terceira Intempestiva** do próprio Nietzsche, quando este em sua autobiografia **Ecce Homo**, assevera que aquela obra da juventude trata de levantar que “enquanto indícios de um conceito mais elevado do conceito de ‘cultura, duas imagens do mais duro egoísmo e autodisciplina, tipos extemporâneos *par excellence*, cheios de soberano desprezo por tudo o que à sua volta se chamava ‘império’, ‘cultura’, ‘cristianismo’, ‘Bismarck’, ‘êxito’ – Schopenhauer³⁸ e Wagner (NIETZSCHE, **EH**. 2005, p. 68).

A ilustração do gênio educador, como obra do porvir e possibilitando engendrar outros da mesma estirpe, Nietzsche alcança, a partir de suas reflexões sobre os gregos da antiguidade por meio de uma formação trágica daquele povo. O resultado da reflexão dá-se – como já se antecipou aqui – de forma conjectural, ao referir à cultura, enquanto construção humana condicionada sob o impulso dionisíaco. Isto é, uma vez que o homem aproxima-se do sentido real que a sua existência propõe, sentido este que, para Nietzsche é terrível, uma vez que o não ser lhe caberia como melhor; aquele homem para afirmar a vida, precisaria então de

³⁸ Cf. NIETZSCHE, Co. Ext. III, p.196. Nietzsche erigiu três imagens de homem, a saber: o homem de Rousseau, homem de Goethe, e o homem de Schopenhauer. A primeira imagem a ilustrar a o tipo comum popular – a massa - voltado mais para violência; a segunda imagem traça as cores de um tipo avesso a toda violência e ação, sempre contemplativo; a terceira imagem descreve o homem acima da razão rude da massa, ou seja contempla, porém, difere do homem de Goethe quanto a ação, pois o homem de Schopenhauer é mais ativo.

algo que de fato lhe faça transcender a importância existencial. Ou seja, “a sugestiva proposição de que a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético” (NIETZSCHE, NT, 2007, p.16).

Voltada para estes propósitos à cultura que visa o gênio é aristocrática, no sentido do objetivo que tenciona. Ao que se apresenta aqui, com maior precisão do termo cultura, Nietzsche parece ter optado mais pela fragilidade conceitual do termo, do que propriamente uma fundamentação rígida de tal conceito. Consideração esta, que aqui pauta-se, a partir da assertiva poética nietzscheana de que a “cultura é apenas uma delgada pelinha de maçã sobre um caos incandescente³⁹”.

Se o objetivo esclarecedor e louvável da cultura é primar pelo melhor (*aristós*), em Nietzsche não se clarifica o método por separá-lo dos outros. De outro modo, não se verifica qual característica observável distingue o gênio para que este possa ser cultivado. Propor e obter o conhecimento trágico do mundo (talvez) seria um método de seleção dos espíritos mais fortes, a serem educados para genialidade? Se a resposta for afirmativa, poder-se-á dizer que estão preenchidos todos os requisitos de ‘humanidade’, a proposição de engendrar homens heroicos, em detrimento dos meros ‘reprodutores do cotidiano’? Nisso Nietzsche não parece propor problema algum. Todavia, percebe-se aqui, uma firme resolução de uma proposta trágica na qual os homens comuns submetem-se ao poder do gênio, a moral do santo e técnica do artista. Estes últimos, segundo a proposta nietzscheana devem indicar uma trilha por onde deve caminhar o homem comum.

De alguma forma a natureza em sua terrível grandiosidade sempre faz uso daquilo que cria. Porém, importa à cultura, da qual se entende aqui, a partir de Nietzsche, não ser tão pródiga quanto à natureza. Isto porque, o material qual visa à verdadeira cultura, é escasso. Considerando isto, também, é plausível asseverar que por ser efêmera a existência humana, os meios de aperfeiçoar a obra natureza na humanidade, isto é, as obras em direção ao ideal humano, fazem-se urgentes.

³⁹ Cf. Nietzsche, F. **Posthumous fragments**. NF=KGWB/NF-1883,9[48] Retirado do site: [http://www.nietzschesource.org/texts/eKGWB/NF-1883,9\[48\]](http://www.nietzschesource.org/texts/eKGWB/NF-1883,9[48]). Acesso em 20-10-2010.

REFERÊNCIAS

BIANQUIS, Geneviève. **A vida quotidiana na Alemanha: na época romântica (1795-1830)**. Trad. Joel Serrão. Lisboa: Livros do Brasil, S/D.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

HOBBSAWN, Eric J. **Era das revoluções**. Trad. Maria Tereza Lopes e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
http://www.4shared.com/get/A5jHCih/MARTON_Scarlett_Nietzsche_das_.html. Acesso em 16 fev. 2011.

_____. **Nietzsche: Uma filosofia a marteladas**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

NIETZSCHE, F. **A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude**. Trad. Marcos Sinésio Pereira, Maria Cristina dos Santos Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (VD).

_____. **Assim falava Zaratustra**. Trad. Mario Ferreira Santos. Petrópolis: Vozes, 2010. (ZA)

_____. **Aurora**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (AA)

_____. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. (CP)

_____. **Fragmentos póstumos e aforismos**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010. p. 261-348. (FP)

_____. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Trad. Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

_____. **Humano demasiado humano I: um livro para espíritos livres**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (HH).

_____. **O Nascimento da Tragédia: Helenismo e Pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (NT).

_____. **Obras Incompletas.** Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (coleção os Pensadores).

_____. **Posthumous fragments.** <http://www.nietzschesource.org/texts>. Acesso em 20-10-2010.

_____. **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida.** Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Co. Ext. II)

_____. **Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010. p. 49-160. (EE).

_____. **Terceira Consideração Intempestiva III: Schopenhauer Educador.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010. p. 161-259. (Co. Ext. III).

_____. **Verdade e mentira no Sentido Extra Moral.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum17/pdf/verdade.pdf. Acesso em 24 nov. 2010. (VM).

OLIVEIRA, J. **A Solidão como virtude moral em Nietzsche.** Curitiba: Champagnat, 2010.

SCHOPENHAUER, A. **Dores do mundo.** Trad. José Souza de Oliveira. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1960.

_____. **O mundo como vontade e como representação.** Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. **Parerga e paralipomena.** Seleção e Trad. Wolfgang Leo Maar;. In:_____. **Coleção os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 237-300.

_____. **Sobre a Filosofia Universitária.** Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira e Marcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.